

ESCOLA DE COMANDO E ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO
ESCOLA MARECHAL CASTELLO BRANCO

Maj Inf ALEXANDRE MEDEIROS TORRES

A LIDERANÇA DE CAXIAS E SUAS CONSEQUÊNCIAS
NO DESENNOLAR DA GUERRA DO PARAGUAI



Rio de Janeiro
2020

Maj Inf ALEXANDRE MEDEIROS TORRES

A LIDERANÇA DE CAXIAS E SUAS CONSEQUÊNCIAS NO DESENVOLVER DA GUERRA DO PARAGUAI

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ciências Militares, com ênfase em Defesa.

Orientador: Maj Eng Anderson Luiz Alves Figueiredo

Rio de Janeiro
2020

T693I Torres, Alexandre Medeiros

A liderança de Caxias e suas consequências no desenrolar da Guerra do Paraguai. / Alexandre Medeiros Torres. —2020.

46 f. : il. ; 30 cm.

Orientação: Anderson Luiz Alves Figueiredo.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ciências Militares) — Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Rio de Janeiro, 2020.

Bibliografia: f. 45-46

1. GUERRA DO PARAGUAI. 2. DUQUE DE CAXIAS. 3. LIDERANÇA MILITAR. I. Título.

CDD 981.04

Maj Inf ALEXANDRE MEDEIROS TORRES

A LIDERANÇA DE CAXIAS E SUAS CONSEQUÊNCIAS NO DESENVOLVER DA GUERRA DO PARAGUAI

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ciências Militares, com ênfase em Defesa.

Aprovado em ____ de novembro de 2020.

COMISSÃO AVALIADORA

Anderson Luiz Alves Figueiredo – Maj Eng - Presidente
Escola de Comando e Estado-Maior do Exército

Enio Corrêa de Souza – Ten Cel Com - Membro
Escola de Comando e Estado-Maior do Exército

Carlos Eurico Alencastro Teixeira Brandão – Maj Cav - Membro
Escola de Comando e Estado-Maior do Exército

À minha esposa, meus filhos e meus pais, fontes de inspiração e exemplo.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da vida, pela tranquilidade nos momentos difíceis e pela saúde que tem me permitido seguir estudando e aprendendo a cada dia que passa.

Ao meu orientador, Maj Luiz Alves, pela orientação precisa e, principalmente, pela confiança e camaradagem que dispensou a mim durante a realização deste trabalho monográfico.

Ao meu pai, Cel R1 Med QEMA Torres Neto, pelos exemplos de dedicação e amor ao Exército, pela educação firme e sólida e por seu incentivo constante pelo meu sucesso.

À minha mãe, Vera, pelo carinho, amizade, respeito e amor.

À minha esposa Virginia, meu amor, e meus filhos Gabriela e Davi, pela alegria de poder conviver com vocês todos os dias, pelo carinho, compreensão e incentivo de sempre.

RESUMO

A Guerra do Paraguai foi o maior conflito armado ocorrido na América do Sul. O conflito foi iniciado após o aprisionamento de um navio brasileiro e a invasão do Mato Grosso por parte das forças paraguaias do ditador Solano López, em 11 de novembro de 1864. Para combater o invasor paraguaio, foi constituída a Tríplice Aliança, formada pelo Brasil, Argentina e Uruguai. As tropas aliadas iniciaram uma ofensiva, visando reconquistar o território invadido e depor do ditador paraguaio do poder. O conflito terminou com a morte de Solano López em 1º de março de 1870, deixando cerca de 200 mil mortos paraguaios e 70 mil aliados. Durante o conflito, as ações dos chefes militares expunham sua liderança militar, seja pela demonstração ou falta de seus atributos. Após a grande derrota aliada em Curupaiti, o imperador Dom Pedro II nomeia Luis Alves de Lima e Silva, o então Marquês de Caxias, para assumir o comando das tropas brasileiras. A assunção do comando, por Caxias, das tropas brasileiras e posteriormente do comando em chefe de todas as tropas aliadas, certamente foi um ponto de inflexão do conflito. Os atributos de Caxias como grande líder militar, o fizeram tomar ações que foram decisivas para o resultado favorável do conflito a favor das forças aliadas. Este trabalho foi proposto para analisar como as características do líder militar de Caxias, e quais foram suas consequências para o desenrolar da Guerra do Paraguai.

Palavras-chave: Guerra do Paraguai; Duque de Caxias; Liderança Militar.

ABSTRACT

The Paraguayan War was the largest armed conflict in South America. The conflict started after the imprisonment of a Brazilian ship and the invasion of Mato Grosso by the Paraguayan forces of dictator Solano López, on November 11, 1864. For to combat the Paraguayan invader, the Triple Alliance was formed, formed by Brazil, Argentina and Uruguay. Allied troops started an offensive, aiming to win back the invaded territory and testify of the Paraguayan dictator of power. The conflict ended with the death of Solano López on March 1, 1870, leaving about 200 thousand Paraguayan dead and 70 thousand allies. During the conflict, the actions of the military chiefs exposed their military leadership, either by the demonstration or lack of their attributes. After the great allied defeat in Curupaiti, the emperor Dom Pedro II appoints Luis Alves de Lima e Silva, then Marquês de Caxias, to take command of the Brazilian troops. Caxias's assumption of command of Brazilian troops and later of command in chief of all allied troops was certainly a turning point in the conflict. Caxias' attributes as a great military leader made him take actions that were decisive for the favorable outcome of the conflict in favor of the allied forces. This work was proposed to analyze how the characteristics of the military leader of Caxias, and what were its consequences for the unfolding of the Paraguayan War.

Keywords: War of Paraguay; Duque de Caxias; Military leadership.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	METODOLOGIA	15
3	O CONFLITO ANTES DE CAXIAS	16
4	A ENTRADA DE CAXIAS NA GUERRA E A REORGANIZAÇÃO DO EXÉRCITO	19
5	O CERCO E A TOMADA DE HUMAITÁ	23
6	A MARCHA PARA O NORTE E A MANOBRA DE PIQUISSIRI	29
7	AS VITÓRIAS DA DEZEMBRO	38
7.1	A Batalha de Itororó (6 de dezembro de 1868).....	39
7.2	A Batalha do Avaí (11 de dezembro de 1868).....	42
7.3	Lomas Valentina (21 a 27 de dezembro de 1868).....	45
8	CONCLUSÃO	51
	REFERÊNCIAS	58

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho abordará a liderança de Luís Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias, e suas consequências no desenrolar da Guerra do Paraguai.

Luís Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias, teve papel fundamental na história do Brasil. Nascido em 25 de agosto de 1803, na Capitania do Rio de Janeiro, era filho do Marechal de Campo Francisco de Lima e Silva. Foi titulado cadete de 1ª Classe, aos 5 (cinco) anos de idade. Aos 15 (quinze) anos de idade ingressou na Academia Real Militar. Promovido a Alferes, foi servir no Batalhão do Imperador, onde foi o 1º Porta Bandeira daquela Unidade de elite. ¹

Participou ativamente das campanhas da Cisplatina e da Pacificação do Império brasileiro, sendo conhecido como “O Pacificador”. Já como senador do Império, Caxias teve papel fundamental como Comandante em Chefe das Forças Aliadas na Guerra do Paraguai.

Os quatro países, da Bacia do Prata, estavam com a seguinte panorama em 1864:

- O Brasil, país com uma população aproximada de 10 milhões de habitantes (cerca de 20% de escravos) vivia a era do 2º Reinado e tinha como imperador, Dom Pedro II.

- A Argentina era uma república, sob a presidência de Bartolomé Mitre com uma população de cerca de 1 milhão e meio de habitantes.

- O Uruguai, com cerca de 300 mil habitantes, acabava de passar por uma crise interna, onde o Presidente e líder colorado Bernardo Prudêncio Berro, foi deposto pelo General Venancio Flores, com apoio de tropas brasileiras.

- O Paraguai, que havia conquistado sua independência em 1811, estava sob o comando de seu terceiro ditador seguido, Francisco Solano Lopez. A população era próxima de 400 mil habitantes.

Nesse contexto, eclodiu a Guerra do Paraguai, também conhecida como Guerra da Tríplice aliança. Esse confronto entre a Tríplice Aliança, formada pelo Brasil, Argentina e Uruguai, contra o Paraguai, teve início com o aprisionamento do navio brasileiro “Marquês de Olinda”, em Assunção, em 11 de novembro de 1864, a declaração de guerra ao Império em 13 de novembro de 1864 e a invasão paraguaia ao território brasileiro, nas Províncias do Mato Grosso e do Rio Grande do Sul, em dezembro de 1864 e junho de 1865, respectivamente. Segundo FRAGOSO:

[...]o Brasil lutará contra seus bravos vizinhos do Paraguai em uma guerra que não desejou, que não provocou e ainda hoje lamenta, mas que não pode evitar por lhe ter sido imposta por um adversário que o veio acometer no âmbito das próprias fronteiras.(FRAGOSO, 2009, 1 v., p.260)

A Guerra pode ser didaticamente dividida em 2 fases: A Ofensiva Paraguaia (até 16 de abril de 1866) e a Contraofensiva Aliada (de 16 de abril de 1866 a 1º de março de 1870) (ROSTY, 2017 p.8). O conflito terminou com a morte de Solano Lopez, em Cerro-Corá, em 1º de março de 1870, deixando por volta de 71 mil baixas no lado aliado e cerca de 200 mil mortos no lado Paraguaio, seja por decorrência direta ou indireta da Guerra.

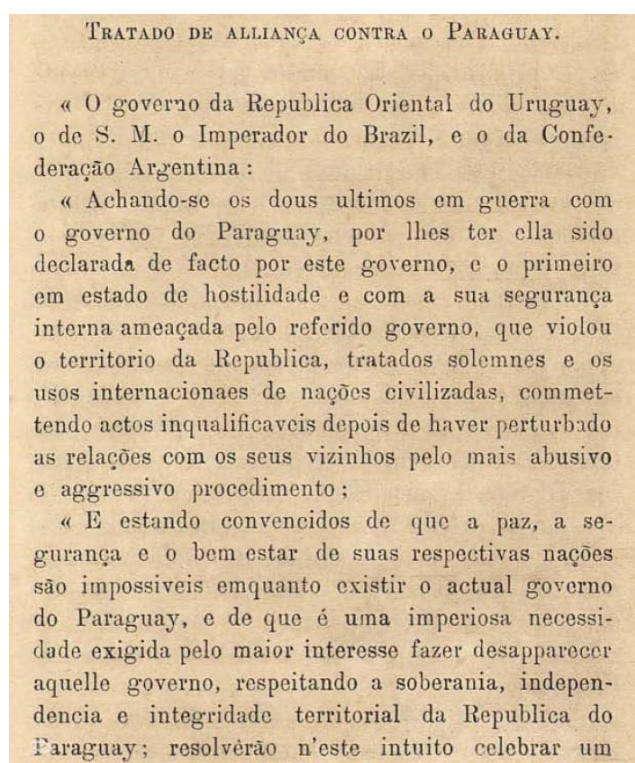


Figura 1: Trecho inicial do Tratado da Tríplice Aliança
Fonte: FIX, 1872

Entre os diversos comandantes aliados envolvidos na Guerra, Caxias foi certamente o que teve a atuação mais definida nos rumos da contenda. O então Marquês de Caxias, foi nomeado Comandante-em-chefe das Forças Brasileiras, pelo Decreto do Governo Imperial em 10 de outubro de 1866. Devido ao falecimento do Vice Presidente argentino Marcos Paz, em dezembro de 1868, Bartolomé Mitre, então Comandante-em-chefe das forças aliadas, foi obrigado a retornar para a Argentina. Com o retorno de Bartolomé Mitre à presidência da Argentina, Caxias assumiu o cargo de Comandante em Chefe das tropas Aliadas.

O estudo da liderança é um tema que acompanha o ser humano desde tempos antigos. Platão, Confúcio e Sun-Tzu, foram filósofos que abordaram o assunto em seus estudos. Contudo, ainda não há um consenso sobre o que vem a ser a liderança. Uma rápida busca no site da livraria Saraiva², na rede mundial de computadores, mostrou um resultado de seiscentos e oitenta e cinco títulos sobre o tema liderança. São livros sobre estudo de liderança em áreas como saúde, gestão, religião, economia, dentre diversas outras. Como o estudo ocorre em diversas áreas de conhecimento, surge uma diversidade de conceitos e teorias alinhadas as suas respectivas áreas.



Figura 2: Uma das últimas fotos do Duque de Caxias
Fonte: Gestão educacional

Na área do saber militar, não é diferente. O documento que padroniza a doutrina de liderança militar, dentro do Exército Brasileiro, é o Manual de Campanha C20-10 – Liderança Militar (2ª Edição – 2011) (BRASIL, 2011, p. 1-1) que define da seguinte forma o conceito de liderança militar.

A liderança militar consiste em um processo de influência interpessoal do líder militar sobre seus liderados, na medida em que implica o estabelecimento de vínculos afetivos entre os indivíduos, de modo a favorecer o logro dos objetivos da organização militar em uma dada situação. (BRASIL, 2011, p. 3-3)

Para a análise das ações de Caxias, foram verificados os fatores da liderança militar. Segundo BRASIL (2011, p. 2-2) os quatro fatores que estão presentes na manifestação são: a situação, o líder, os liderados e a interação.

A **situação** é criada pelo somatório de elementos de origens interna e externa que venham a exercer influência sobre o grupo (líder e liderados[...]) afetando a capacidade e a motivação do grupo para o cumprimento de suas tarefas. O **líder** atua como um elemento que influencia o comportamento dos liderados, independentemente de suas vontades. Os **liderados** são o grupo sobre o qual o líder irá exercer a sua influência e com o qual irá interagir[...]. A **interação** é vital para que ocorra a liderança de um indivíduo em relação a um grupo. É o processo pelo qual informações, ideias, pensamentos, sentimentos e emoções tramitam entre os membros do grupo, permitindo a inter-relação entre eles (BRASIL; 2011, p. 2-2, grifo do autor).

Visando aprofundar um pouco mais a análise da liderança militar de Caxias, foram verificados também os três pilares básicos da liderança militar. Esses três pilares são a proficiência profissional (saber), o senso moral (ser) e as atitudes adequadas (fazer) (BRASIL; 2011, p. 3-3).

A **proficiência profissional** indica capacidade, conhecimento, cultura. É condição *sine qua non* para o exercício da liderança, pois é a primeira qualidade que se observa e se exige de alguém que exerce uma função de comando. Abrange, além dos conhecimentos peculiares à profissão, a capacitação física para estar à frente dos trabalhos a serem realizados, a habilidade para se comunicar de modo eficaz com o grupo, o conhecimento de seus liderados e, sobretudo, o cuidado para interagir com pessoas, respeitando-as em suas deficiências e dificuldades. O **senso moral** diferencia os que usam o poder que determinado cargo lhes confere para fazer o bem e agir em prol da coletividade e da missão, dos que se aproveitam do cargo para auferir vantagens pessoais. Implica na incorporação à personalidade (caráter e temperamento) de importantes valores morais[...]. A **atitude adequada**, fator preponderante para capacitá-lo ao exercício da liderança (**o fazer**), deve ser evidenciada na forma como o homem emprega os valores e as competências de sua personalidade com as ferramentas que seus conhecimentos lhe oferecem (BRASIL; 2011, p. 3-4, grifo do autor).

A análise da liderança também foi feita através das competências do líder militar. Essas competências dão a capacidade ao líder de transformar aspectos cognitivos, psicomotores e afetivos em comportamentos desejáveis que tem efeito prático. Dentre as diversas competências pode-se citar: a proficiência técnica e tática; a aptidão física; a coragem; a dedicação; a organização; a decisão; a direção; o dinamismo e outras previstas no C20-10.

1.1 PROBLEMA

Após a assunção do Comando, Caxias retomou a ofensiva, obtendo diversas vitórias sobre as tropas paraguaias. Essa série de vitórias se estende até janeiro de 1869, quando já em Assunção, deixa o comando das tropas e retorna ao Brasil.

A fim de contribuir com a preservação da História Militar e com o importante tema da Liderança Militar, foi formulado o seguinte problema: Quais foram as características do líder militar apresentados por Caxias e quais as suas consequências para o desenrolar da Guerra do Paraguai?

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 **Objetivo geral**

Identificar as competências do líder militar, evidenciadas na atuação de Caixas, com suas consequências para o desenrolar da Guerra do Paraguai

1.2.2 **Objetivos específicos**

- a) Apresentar alguns antecedentes do conflito
- b) Apresentar o conflito do início até a assunção do comando Caxias.
- c) Analisar o comando de Caxias até a retomada da ofensiva aliada.
- d) Analisar as ações de Caxias na tomada de Humaitá.
- e) Analisar as ações do Marquês na manobra de Piquissiri
- f) Analisar as ações de Caxias na Dezembrada.

1.3 DELIMITAÇÃO DO ESTUDO

O presente estudo estará limitado à atuação de Luís Alves de Lima e Silva durante sua participação na Guerra do Paraguai, entre 10 de outubro de 1866 até meados de janeiro de 1869, estando a análise de liderança, restrita ao previsto no Manual de Campanha C20-10 – Liderança Militar (2ª Edição – 2011), aprovado pela Portaria nº102-EME, de 24 de agosto de 2011.

1.4 RELEVÂNCIA DO ESTUDO

A Guerra do Paraguai foi o maior conflito militar ocorrido no subcontinente da América do Sul. Tiveram participação relevante nesse conflito diversos chefes militares brasileiros, argentinos, uruguaios e paraguaios, dentre os quais pode-se destacar: Luís Alves de Lima e Silva, Bartolomé Mitre, Venâncio Flores, Visconde Tamandaré, General Osório, General Sampaio entre tantos outros.

Esse conflito é rico em registros de ações que servem como objeto de estudo até os dias de hoje, principalmente no campo da história militar.

Embora, fartos, os estudos carecem de uma análise das atitudes, sobre o prisma da liderança militar, fazendo uma relação, entre esta e o resultado das batalhas e da própria Guerra, que é a proposta deste trabalho, no que se refere a participação de Caxias no conflito.

2 METODOLOGIA

O presente estudo foi realizado, principalmente, por meio de uma pesquisa bibliográfica, pois baseou sua fundamentação teórico-metodológica na investigação sobre os assuntos relacionados a Guerra do Paraguai, ao Duque de Caxias e a Liderança Militar em livros, manuais e artigos de acesso livre ao público em geral, incluindo-se nesses aqueles disponibilizados pela rede mundial de computadores.

O universo do presente trabalho são os diversos estudos a respeito da Guerra do Paraguai e a doutrina de liderança militar do Exército Brasileiro.

As amostras que foram utilizadas são as ações de Caxias que tiveram influência para os rumos da contenda e que puderam ser analisados no prisma da liderança militar.

A coleta de dados do presente trabalho de conclusão de curso deu-se por meio da coleta na literatura, realizando-se uma pesquisa bibliográfica na literatura disponível, tais como livros, manuais, revistas especializadas, jornais, artigos, internet, monografias, teses e dissertações, sempre buscando os dados pertinentes ao assunto.

O método de tratamento de dados utilizado no presente estudo foi a análise de conteúdo, no qual foram realizados estudos de textos para se obter a fundamentação teórico para se confirmar ou não a hipótese apresentada.

A metodologia em questão possui limitações, particularmente, quanto à profundidade do estudo a ser realizado, pois não contempla, dentre outros aspectos, o estudo de campo e a entrevista com pessoas diretamente ligadas aos processos em estudo. Porém, devido ao fato de se tratar de um trabalho de término de curso, realizado em aproximadamente seis meses, o método escolhido foi adequado e possibilitou o alcance dos objetivos propostos dessa pesquisa.

3 O CONFLITO ANTES DE CAXIAS

Iniciado o conflito com o aprisionamento do navio Marquês de Olinda e a invasão do Mato Grosso, as tropas paraguaias possuíam uma melhor organização e treinamento em relação as tropas da aliança. As forças paraguaias se encontravam na seguinte configuração, segundo ROSTY (2017, p.7)

No início da guerra, com uma população de quase 400 mil habitantes, o adversário da Tríplice Aliança provavelmente dispunha de uma clara superioridade militar. Contava com um contingente variando entre 28 e 57 mil homens, mais cerca de 30 mil reservistas concentrados e treinados no acampamento de Cerro Leon, o que equivale dizer que toda a população masculina estava pronta para a Guerra.

Ao passo que as tropas da Tríplice Aliança, formada a partir do Tratado celebrado em 1º de maio de 1865, se encontravam no seguinte panorama, segundo o mesmo autor:

Enquanto isso, o Exército Argentino variava de 25 a 30 mil homens, dos quais apenas 10 ou 15 mil estavam em condições de atuar em uma guerra externa. O Exército Uruguaio tinha no máximo cinco mil homens e o do Brasil, de 17 a 20 mil, embora pudesse dispor, também, da polícia militar e de uma ampla reserva de até 200 mil homens, na forma de Guarda Nacional.

O comando supremo das tropas da Tríplice Aliança ficou com o então presidente da Argentina Bartolomé Mitre. As tropas terrestres Brasileiras encontravam-se sob o comando do General Osório, e a Esquadra Imperial era comandada pelo Visconde Tamandaré. Durante o comando de Mitre, deu-se início a fase de ofensiva dos aliados. Durante essa fase, ocorreram diversas vitórias, dentre

as quais a vitória na Batalha Naval do Riachuelo, a retomada de Uruguaiana e o início da invasão ao Paraguai.

Em, 24 de maio de 1866, ocorre a Batalha de Tuiuti, que se inicia com um ataque surpresa das forças de Solano López as tropas aliadas que estavam no acampamento de Tuiuti. Após cerca de cinco horas de batalha, os aliados saíram vencedores, mas a um grande custo de vidas. Estimativas sobre o número de baixas são bastante divergentes e apontam para números entre 4 e 7 mil mortos paraguaios, ante 1000 e 2000 mortos aliados, se tornando uma das batalhas mais sangrentas da Guerra (DORATIOTO,2002, P.222)



Figura 3: Esquema da batalha de Tuiuti
Fonte: LIMA, 2016.

Outras batalhas de menor porte foram travadas entre as tropas, com vitórias dos dois lados, até a batalha de Curupaiti, em 22 de setembro de 1866. O ataque ao Forte de Curupaiti, foi a maior derrota das tropas aliadas. Os cerca de 20 mil soldados aliados, apoiados por 20 navios da Armada Imperial não conseguiram sobrepujar os cerca de 5 mil soldados paraguaios que defendiam a fortaleza. Os números dos diversos autores apontam para algo em torno de 3 a 5 mil baixas aliadas e menos de 100 baixas paraguaias.

Além do grande número de perdas humanas, a batalha escancarou as intrigas e discórdias entre o Visconde de Tamandaré e Porto Alegre, ambos do Partido Liberal, com o General Polidoro, membro do Partido Conservador. Os membros do Partido Liberal ainda desconfiavam das reais intenções do argentino Mitre. Segundo DORATIOTO (p 244), ao retirar-se, Porto Alegre disse a Arthur Silveira da Motta: “eis aqui o resultado do governo brasileiro não ter confiança em seus generais e entregar os seus Exércitos aos generais estrangeiros”.

Por outro lado, Mitre demonstrava grande irritação com Tamandaré e Porto Alegre, e grande desprezo pelo General Polidoro, comandante do 1º Corpo de Exército Brasileiro. Os desentendimentos com Tamandaré ocorriam desde o início da aliança, pois para esse, Mitre poderia intencionalmente colocar a Esquadra brasileira em posição de desvantagem frente aos paraguaios, pois sua destruição facilitaria um futuro controle da Bacia do Prata pelos argentinos.

Ademais, o General Venâncio Flores, comandante das forças uruguaias se retira do conflito, deixando uma força praticamente inexpressiva para o esforço da Guerra. Para FILHO (1959, p.31), a “desarmonia entre os Chefes Militares, o que se refletia profundamente no moral dos quadros e da tropa, já deprimido pelo desconforto (sic) e ociosidade”.

Outra consequência da derrota, foi a grande pressão, na Argentina e no Brasil, pelo fim do conflito. A oposição à guerra era crescente no Império. A necessidade de um comando único, fez o Chefe de Governo Zacarias de Góes e Vasconcelos, solicitar que Luis Alves de Lima e Silva, o então Marquês de Caxias, aceitasse o cargo de Comandante em Chefe das tropas brasileiras no Paraguai. Segundo DORATIOTO (2003, p.15)

Para pôr fim às discórdias existentes entre os generais brasileiros e unificar o comando, o Decreto do Governo Imperial de 10 de outubro de 1866 nomeou o Marquês de Caxias para o cargo de comandante-em-chefe das Forças Brasileiras no Paraguai.

4 A ENTRADA DE CAXIAS NA GUERRA E A REORGANIZAÇÃO DO EXÉRCITO

Em 19 de novembro de 1866, Caxias assume como Comandante em Chefe das forças brasileiras no Paraguai. Segundo DORATIOTO (2003, p.16):

Aceitar o comando das forças militares brasileiras no Paraguai significou, para Caxias, um grande sacrifício pessoal. Afinal, aos 63 anos de idade, era, para os padrões da época, um ancião, que, após uma carreira de vitórias militares, atingira o posto máximo do generalato e, ainda, ocupava o cargo vitalício de Senador. Poderia ter permanecido confortavelmente no Rio de Janeiro, pois nada tinha a ganhar, no plano pessoal, indo para a guerra. Ao contrário, ao aceitar comandar um exército que se encontrava desorganizado e desmoralizado após a derrota de Curupaiti, ele colocava em risco sua trajetória de vitórias militares; expunha-se às críticas dos seus adversários políticos – o que, de fato, ocorreu – e, devido à sua idade, arriscava a própria saúde nas duras condições climáticas e características físicas do território em que foi travada a guerra.

O quadro tático que se apresentava era um grande desafio para qualquer chefe militar. O prosseguimento da campanha, na direção de Assunção, dependia da tomada da Fortaleza de Humaitá, defendida pela região conhecida como “Quadrilátero”. Segundo FILHO (1959, p.31), a situação tática com a que Caxias se depara é a seguinte:

Exércitos aliados detidos face a linha CURUPAITI - ESTERO ROJAS, com o flanco W e a retaguarda apoiados no rio PARAGUAI, tendo ainda a E e ao S o rio PARANA como cobertura; a Força Naval inteiramente bloqueada no rio PARANA face CURUPAITI.

Uma das primeiras providências de Caxias, foi ordenar a reformulação do serviço de saúde em campanha. Uma comissão foi formada para analisar a situação de cada militar nos 11 hospitais brasileiros existentes na região do Prata. Como resultado dessa análise, em apenas 15 dias, foram identificados mais de 2 mil falsos doentes, que foram mandados juntar aos efetivos do acampamento em Tuiuti (DORATIOTO, 2003). O Marquês mandou implantar uma série de condutas que visavam a melhoria nas condições sanitárias da tropa, que se encontravam em situação precária. O suprimento de água, por exemplo, era apanhado nos charcos de água parada, barrenta e de mau cheiro. Sobre o suprimento de água, segue um relato do então Alferes Dionísio Cerqueira:

Além de má e repugnante, a água era quente. Para refrescá-la [sic], cavavam buracos nas barracas e nas ramadas, onde enterravam os garrafões cheios.

Mandei abrir um em minha tenda. [...] Mal tinha o camarada chegado a um palmo de fundo, sentimos o cheiro característico da morte. Mais uma enxadada e apareceu um crânio carcomido. Entupiu o buraco e cavou outro adiante. (CERQUEIRA, 1980, p.184)

Em relação ao serviço religioso houve a intensificação dos cultos, visando dar um melhor apoio espiritual a tropa.



Figura 4: Serviço religioso no acampamento brasileiro em Tahy
Fonte: PAULA (2017)

Outra medida adotada por Caxias foi a de uniformizar as tropas imperiais. Os relatos são de que o 1º e o 2º CEx tinham sistemas de pagamentos, promoções e até fardamentos diferentes “pareciam pertencer a duas Nações distintas, tais eram as disparidades que nêles [sic] se notavam” (FILHO, 1959, p. 34). A tropa recebeu uniformes apropriados ao clima paraguaio.

Os comerciantes, que montavam seus comércios nos entornos dos acampamentos, tiveram que se ajustar a novas ordens. Caxias subordinou os comerciantes a um inspetor de polícia de campo. Ao subordinar os comerciantes sob um inspetor, Caxias visava melhorar as condições disciplinares da tropa. Ainda em relação a disciplina, Caxias solicitou mudanças na Justiça militar, no que foi atendido pelo Império, que transferiu a junta da Justiça Militar do Rio Grande do Sul, para o teatro de operações, viabilizando assim, a rápida punição de crimes militares (DORATIOTO, 2002).

Ainda no tocante às providências na área de pessoal, Caxias recebeu e treinou um grande efetivo recém convocado, dentre eles escravos recém libertos que poderiam lutar pelo Império no Paraguai em troca de sua liberdade, se sobrevivessem ao conflito. Com relação aos oficiais, Caxias dispensou “todos aqueles que julgava incapazes de prestar um serviço eficiente” (DORATIOTO, 2002, p.287). Caxias aguardou ainda a chegada do 3º Corpo de Exército, vindo do Rio Grande do Sul a comando do General Osório, em julho de 1867.

Em relação a tropa montada, boa parte da cavalaria estava a pé. Caxias mandou fornecer boa alimentação aos cerca de 3 mil cavalos existentes, adquiriu novas montarias para as tropas no Teatro de Operações.

só tivemos boa cavahada depois de chegar ao exército o Marquês de Caxias. Até então nossos cavalos eram tratados à *la gaúcha*, isto é, à lei da natureza, comendo quando havia pasto, e morrendo à fome quando estavam raspados os campos. (CERQUEIRA, 1980, p.164)

O terreno paraguaio era desconhecido, não havia cartas ou mapas sobre a região, e segundo Caxias, a Guerra era feita “às apalpadelas” (DORATIOTO, 2003). Para melhorar os planejamentos de Estado-maior, o comandante em chefe mandou trazer 2 balões de observação, fato inédito em terrenos latino americanos. Esses balões, auxiliaram na observação do terreno, possibilitando a escolha de uma rota a qual antes diziam ser intransponível.

O marechal, para se certificar cl'isto, mandou construir no Rio de Janeiro dous balões aerostáticos que os próprios constructores, os irmãos Green (Norte-Americanos), levarão para Tuyuty. Estes balões subirão ao ar presos por cordas de 100 metros de comprimento, nas quaes pegavão soldados que avançavão ou recuavão conforme se fazia mister. O terreno foi observado por officiaes de estado maior, os quaes afinal declararão ser possível a passagem, fazendo-se um rodeio de nove léguas[sic]. (FIX, 1872, p. 151).

Caxias suportou a pressão da opinião pública que o massacrava na capital do Império, pois sabedor das reais necessidades do Exército para realizar uma ofensiva decisiva, permaneceu durante cerca de 7 meses organizando a tropa. Foram publicadas diversas charges, em jornais de grande circulação na capital do Império, que buscavam desmerecer a atuação de Caxias. Muito por conta da sua situação política de Senador do Império. A figura 2 representa uma charge que simulava uma conversa em Victória e Marte, onde esta observava que ao terminar da guerra,

estariam de cabelos brancos, enquanto Marte dizia que o General ainda estava se decidindo nos livros de estratégia.



Figura 5: Charge pejorativa a Caxias
Fonte: DORATIOTO 2002

Analisando os fatores da liderança presentes durante a reorganização do Exército, chega-se ao seguinte panorama:

- No início da reorganização, a **situação** era de completo desolamento entre os chefes militares e os subordinados. As pressões externas criavam um cenário prospectivo desanimador para as tropas aliadas. Os **liderados** estavam desmotivados e as **lideranças** desacreditadas. As **interações** entre os líderes (oficiais) e demais militares estavam profundamente abaladas.

- Ao término da reorganização, a **situação** era de otimismo entre a tropa, as pressões externas continuavam fortes sobre Caxias. As **interações** entre os oficiais e as praças durante o período de treinamento e reorganização contribuiu com a melhoria no relacionamento entre as **lideranças** e os **liderados**.

O pilar básico da **proficiência profissional**, que indica capacidade, conhecimento e cultura, sobre a profissão, ficou evidente nas ações de Caxias, demonstradas pela uniformização dos 1º e 2º Corpos de Exército, pela melhoria das

condições sanitárias da tropa, pelo tratamento adequado a cavalaria da tropa montada e restauração da hierarquia e disciplina da tropa.

O comandante em chefe suportou a grande pressão, pela rápida retomada de ações ofensivas, que chegava do Rio de Janeiro, em prol de uma reorganização que deixasse a tropa em melhores condições de prosseguir na luta. Desta forma agiu com elevado **senso moral**, que é a capacidade de agir em prol da coletividade, sobrepujando interesses particulares.

Pode-se verificar, ainda, sua **atitude adequada**, ao tomar diversas decisões corretas, tais como a liberação dos oficiais que não demonstravam possuir aptidão ao serviço em campanha e a instauração da comissão médica que reduziu o índice de militares baixados aos hospitais. A decisão de utilizar balões para melhorar o planejamento das operações foi outra atitude adequada de Caxias.

As competências do líder militar mais evidenciadas pelo Marquês, nesse período foram a **Organização e a Direção**.

Conclui-se, que a liderança militar de Caxias, durante o período de reorganização das tropas, teve como consequência direta a retomada da capacidade do Exército lançar-se em grandes operações ofensivas, em um cenário muito mais favorável ao encontrado pelo Marquês ao assumir o comando das tropas brasileiras.

Aí está uma das principais facetas da personalidade extraordinária do nosso Patrono. Em alta dose nêle (sic) se continha o planejador, o organizador por excelência, o administrador em suma, que não se preocupava com o tempo aproveitado na reorganização e treinamento das forças (sic) para a batalha Decisiva (FILHO, 1959, p.35).

Foram 14[?] meses de reorganização, mas outro exército emergiu naquele conflito, feito nos campos de batalha do Paraguai. Sob o comando do marquês de Caxias, uma série de paradigmas e procedimentos, até então adotados comumente nas lutas platinas, vai cair em desuso nessa Campanha para, só a partir daí, o Exército Aliado marchar como um corpo organizado rumo a Assunção (PAULA, 2017).

5 O CERCO E A TOMADA DE HUMAITÁ

Durante a reorganização do Exército, Caxias planejou as ações para derrubar Humaitá. Dentre as diversas linhas de ação apresentadas, a opção foi por uma manobra de envolvimento. Essa manobra consistia em uma marcha pelo flanco esquerdo das fortificações até o atingimento da retaguarda das posições inimigas. O objetivo desta manobra era cercar as fortificações do Quadrilátero, cortando as linhas

de suprimento terrestre. Após o cerco terrestre, a esquadra brasileira forçaria a passagem por Humaitá, dominando o Rio Paraguai a montante, negando o uso do mesmo pelas forças paraguaias. Estaria assim concluído o cerco que levaria Lopez à capitulação.

Esse plano divergia do planejamento de Mitre. Para o argentino, a primeira ação deveria ser a passagem da esquadra por Humaitá. Segundo DORATIOTO (2002, p.300):

“Donos do rio”, escreveu Mitre, os aliados ficariam em condições de realizar operações militares de maior vulto no interior do Paraguai, quer em terra, quer em rios. A passagem da esquadra por Humaitá deveria “ser breve e sem perda de tempo”.

Contudo, Caxias tinha ressalvas a esse plano, pois foram levantados dois grandes riscos nessa linha de ação. O primeiro era a destruição da esquadra, pois a fortaleza, estava localizada em posição privilegiada em uma curva no rio, o que dificultava as manobras das belonaves brasileiras, e possuía, ainda, grandes meios de artilharia. O segundo risco observado pelo comandante brasileiro era que as embarcações ficassem isoladas a montante de Humaitá, caso as tropas terrestres não obtivessem êxito em atingir a retaguarda inimiga.

Em 22 de julho de 1967, Caxias, que estava temporariamente no comando geral das tropas aliadas (Mitre havia se retirado para resolver problemas de política interna da Argentina), iniciou o movimento terrestre pelo flanco esquerdo paraguaio, conforme seu plano. Esse movimento contou com uma força aproximada de 21000 brasileiros, 6000 argentinos e menos de 1000 uruguaios. O 2º Corpo de Exército, comandado pelo Gen Porto Alegre, permaneceu Tuiuti para resguardar as linhas de suprimento dos aliados.

Em 29 de julho, o 3º Corpo de Exército, vanguarda da marcha ataca a posição paraguaia de Tuiú-Cuê. No início de agosto, Mitre retorna da Argentina, reassumido o comando das tropas aliadas. Novamente os planos do argentino se contrapõem aos planos do brasileiro. Mitre insistia na ultrapassagem da esquadra por Humaitá, enquanto o brasileiro permanecia firme em suas convicções de terminar primeiro o cerco terrestre. Contudo, o plano executado foi o de Caxias, uma vez que a esquadra imperial não estava subordinada ao comandante argentino.

Em 3 de agosto as tropas brasileiras, comandadas pelo General João Manuel Menna Barreto, prosseguem o movimento para Norte tomando a aldeia de São Solano. Após diversos reconhecimentos encontram um caminho que leva a

localidade de Tahí. Tropas aliadas alcançam Tahí, mas após um período de observações, abandonam o local. Solano López envia 2 batalhões, para ocupar Tahí. No dia 3 de novembro, os aliados realizam um ataque a esses batalhões e conquistam definitivamente a localidade de Tahí. A manobra de envolvimento, concebida por Caxias, estava enfim terminada.

Verificando que o cerco se fechada sobre Humaitá, Solano López decide atacar Tuiuti, para interromper as linhas de suprimento aliadas ou forçar o retorno das tropas que se encontravam a Norte, para não ficar cercado. Essa manobra de López havia sido prevista por Caxias durante o planejamento da manobra, ainda em 1867. Segue trecho de correspondência para Osório, onde Caxias explica essa parte de seu plano:

Daquele modo me parece que López não terá senão duas resoluções a tomar: ou abandona sua linha fortificada, e reunir suas forças para nos ir dar uma batalha campal, **ou atacar as forças que eu deixar guardando a linha que ocupamos.**(FRAGOSO, 1958, grifo do autor).

O ataque ocorrido em 3 de novembro de 1867 inicia com sucesso momentâneo dos 8000 soldados paraguaios que utilizaram o fator surpresa. Contudo, o Gen Porto Alegre conseguiu reunir a tropa no reduto central, fortificado por determinação de Caxias. A partir da defesa do reduto central, as tropas aliadas conseguem reverter a situação e expulsam os paraguaios. O resultado desta segunda batalha de Tutiuti foram cerca de 1000 baixas entre mortos e feridos aliados e 2400 baixas paraguaias. Com essa vitória aliada, ficou configurado o cerco terrestre de Humaitá.

No dia 11 de janeiro de 1868, morre o Vice-Presidente argentino Marcos Paz. Bartolomé Mitre decide retornar para a Argentina e passa definitivamente o comando das tropas aliadas ao Duque de Caxias em 13 de janeiro.

Visando uma manobra para atravessar a tropa para outro lado do rio Paraguai, o comandante em chefe determina a tomada do povoado de Estabelecimento. Contudo, diferentemente do que havia sido levantado em um dos reconhecimentos feitos com os balões, esse povoado não ficava na margem do Paraguai e sim de uma lagoa.

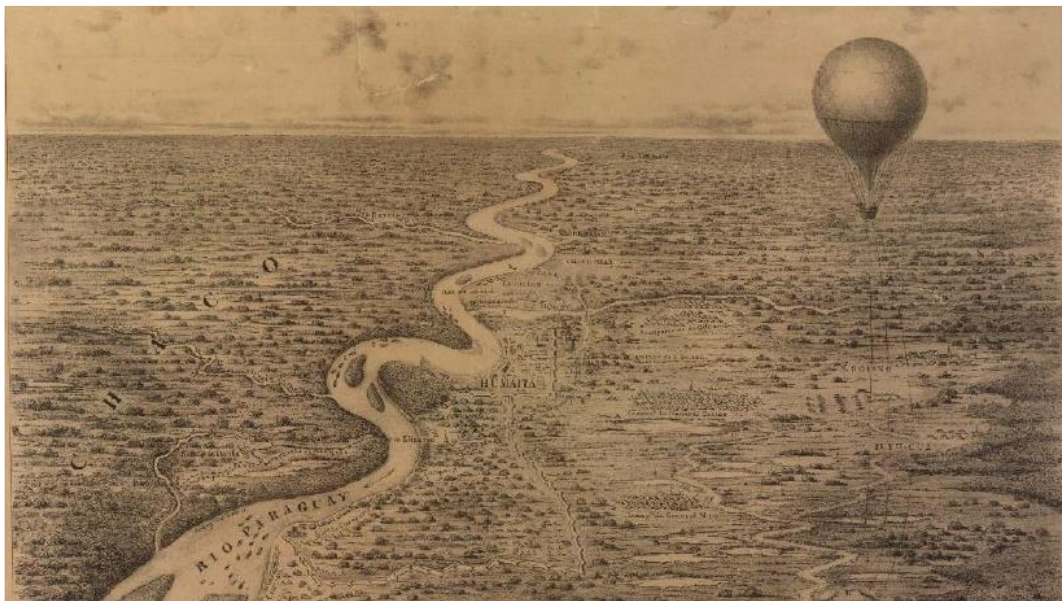


Figura 6 – Uso de balões para auxílio do planejamento
 Fonte: ALTAVE (2018). Acesso em: 4 de maio de 2020

A esquadra imperial havia realizado a passagem pela Fortaleza de Curupaiti, em 15 de agosto de 1867, e desde então estava estagnada entre Curupaiti e Humaitá. Essa tropa era ressuprida por uma ferrovia de 25 Km, mandada construir por Caxias por sobre terreno pantanoso.

As forças navais foram reforçadas com a chegada no Teatro de Operações de 3 novos navios, construídos para ações fluviais. Esses meios agregaram novas capacidades a esquadra.

Caxias, agora como comandante aliado, determina que a esquadra ultrapasse a fortaleza de Humaitá. Esse feito ocorre na madrugada de 19 de fevereiro de 1868. Durante a ultrapassagem, nenhum dos 6 navios empregados foram a pique, contudo, já a montante do rio, 3 belonaves tiveram que ser encalhadas para não naufragarem, devido as avarias sofridas. Visando realizar uma demonstração de força e forçar a rendição de Solano López, os 3 navios, que estavam em condições de navegar, seguiram para Assunção. O intuito era bombardear a cidade para que Solano López se rendesse. Contudo o bombardeio não surtiu o efeito desejado e os navios acabaram ficando sem carvão em Tahí. O líder paraguaio aproveitou esse momento de para retirar-se de Humaitá junto com cerca de 10 mil soldados, deixando cerca de 3 mil para defender a Fortaleza.

López, percebendo o inexorável estrangulamento de sua guarnição em Humaitá, manda, por sua vez, que se construa na margem direita do rio Paraguai, entre Timbó e Monte Lindo (ambos no Chaco), uma estrada cujo propósito inicial era suprir a Fortaleza mas que, posteriormente, foi usada para evacuá-la. (GONÇALVES, 2009).



Figura 7: Passagem de Humaitá. Aquarela do Almirante Trajano Augusto de Carvalho
Fonte: wikipedia

No dia 23 de março os navios da esquadra foram ressupridos, voltando a navegar na direção Timbó – Humaitá. A partir desse momento os paraguaios estavam cercados pela tropa aliada a Leste e pela esquadra a Oeste.



Figura 8: Recriação 3D da Bateria Londres do Forte de Humaitá
Fonte: Fortalezas.org

Feito o cerco fluvial e terrestre, os aliados iniciam manobras para apertar o cerco. O 2º Corpo de Exército rompe a linha de Rojas e penetra em Curupaiti. A tropa Argentina conquistou Passo Pucú e o 3º Corpo (Osório) seguiu para Pare-Cuê. Em 16 de julho, Osório lança um ataque a Humaitá com cerca de 6 mil soldados, mas

acabaram tendo que recuar após sofrerem cerca de mil baixas (DORATIOTO, 2002, p.327).

Com o cerco se fechando sobre a Fortaleza, os paraguaios iniciam uma retirada noturna em canoas, por canais que ligavam o rio Paraguai a região de Timbó pelo Chaco. Em uma única noite, utilizando-se do amplo conhecimento do terreno, quase a totalidade dos 3 mil defensores de Humaitá passaram pelo rio sem serem percebidos pela esquadra.

No dia 25 de julho, a perceberem que apenas alguns soldados guarneciam as posições paraguaias, o Gen Osório invade a fortaleza, no que logo foi seguido pelos outros 2 corpos. Humaitá enfim caía nas mãos dos aliados.

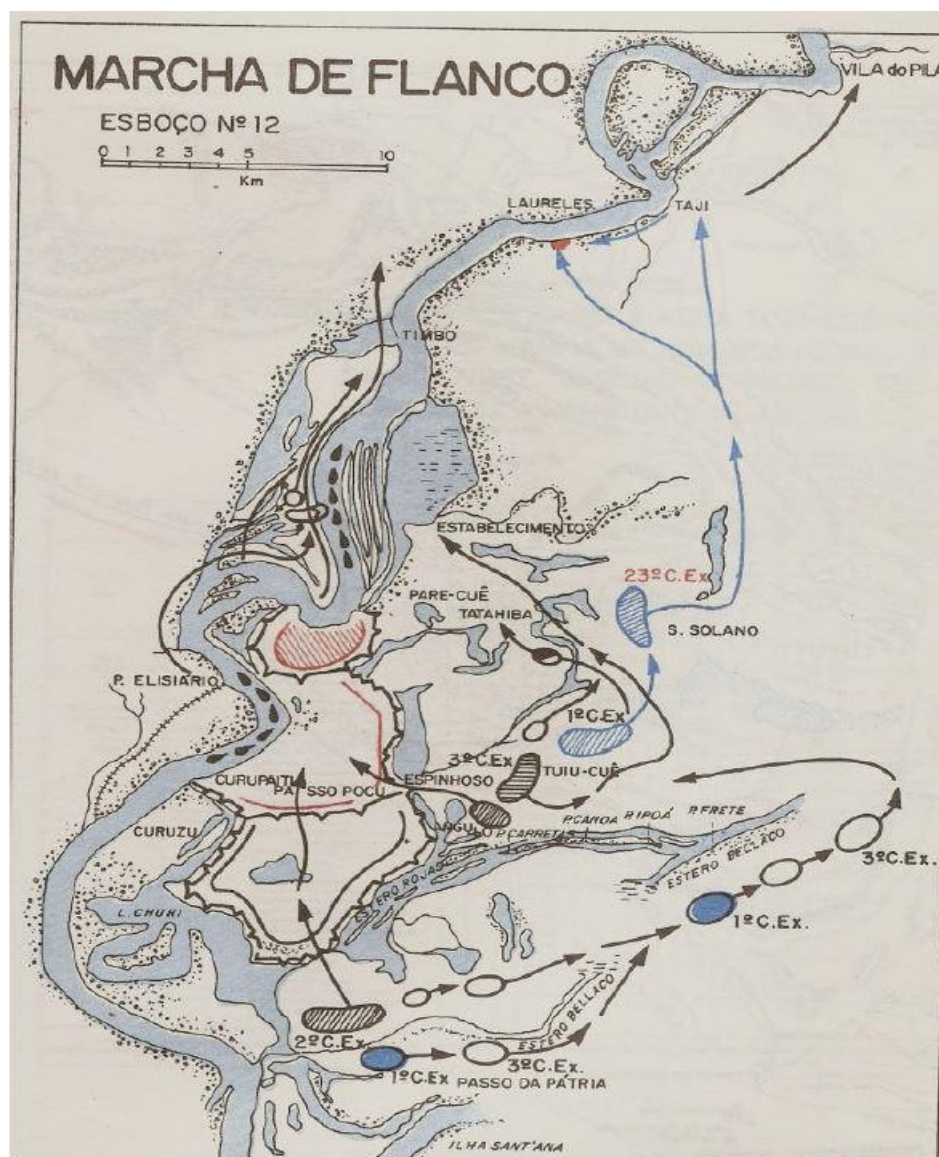


Figura 9: Marcha de Flanco
Fonte: DUARTE

Analisando-se as ações de Caxias pelo prisma da liderança militar, infere-se que:

- A **proficiência profissional** de Caxias ficou evidenciada na elaboração e condução da manobra de envolvimento de Humaitá. O Duque teve grande **senso moral** ao confrontar o então comandante aliado, buscando preservar a integridade da esquadra brasileira. As **atitudes adequadas** foram demonstradas em várias situações donde pode-se citar a ordem para a passagem de Humaitá em momento adequado, por parte dos navios brasileiros.

- Em relação as competências do líder militar, Caxias evidenciou entre outros atributos, a **Flexibilidade**, ao ter que ajustar seu plano as novas situações que o combate iriam apresentando; a **criatividade**, em planejar a manobra de envolvimento; e a **decisão**, ao posicionar-se firmemente sobre as condições de execução do plano em relação ao plano de Mitre.

Depreende-se, que as diversas características da liderança militar de Caxias, foram determinantes para o planejamento e execução das operações que culminaram na tomada da Fortaleza de Humaitá, degradando o poder de combate das tropas paraguaias, abrindo a possibilidade de prosseguimento das operações rumo a capital Assunção.



Figura 10: Canhão “El Cristiano” capturado em Humaitá
Fonte: forte.jor.br

6 A MARCHA PARA O NORTE E A MANOBRA DE PIQUISSIRI

Após a tomada da Fortaleza de Humaitá, em 25 de julho de 1868, estava terminado o período de quase dois anos e meio de guerras de trincheiras. Solano Lopez havia retirado suas forças e encontrava-se montando novas posições

defensivas a norte do Rio Tebicuary. Pequenos efetivos foram deixados para retardar o avanço das tropas aliadas.

Foi necessária uma reorganização logística. Para que se obtivesse um apoio cerrado a manobra, permitindo a busca pelo combate decisivo. Desta forma, o acampamento aliado foi transferido para Humaitá.

Buscando a retomada das ações ofensivas, Caxias deu início ao deslocamento das tropas, em direção a Palmas, no dia 19 de agosto de 1868, percorrendo em 36 dias, cerca de 200 quilômetros em terreno inóspito, alagado e do qual não se tinha cartas topográficas (MORGADO, 2010).

O Comandante em Chefe demonstrava durante a marcha, vários dos atributos que lhe faziam um grande líder militar. Segundo MORGADO (2019):

A constante presença de Caxias em todos os compartimentos do combate e a visão diária daquele general de 65 anos, montado em seu cavalo, debaixo de chuva, estimulavam a tropa a superar as enormes dificuldades defrontadas. Seja na vanguarda, participando e intervindo na condução das ações quando necessário; seja junto ao 1o Corpo de Exército, que se deslocava em segundo escalão e onde normalmente estabelecia seu quartel-general; seja na retaguarda, onde presenciava a passagem de cada obstáculo, como a conferir que todos os seus meios estavam integrados ao todo; seja, ainda, a bordo dos navios da esquadra, onde conferenciava com o Visconde de Inhaúma, seu comandante, ou com o Barão da Passagem, que à testa da Divisão Avançada de Encouraçados, cumpria as missões de reconhecimento e apoio às ações terrestres – tudo isso fazia parte de sua ação de comando.

O Comandante esperava que Solano Lopez montasse nova linha defensiva apoiada no corte do Rio Tebicuary. Contudo, a rápida retomada das ações ofensivas aliadas não deixou que esse plano de Lopez fosse executado. Durante o deslocamento, para Palmas, ocorreram apenas pequenas batalhas, com efetivos inimigos que tinham por missão retardar o avanço aliado. Após um desses embates, já no Rio Tebicuary, Caxias descobriu que Solano Lopez havia seguido para a linha de rebatimento mais ao norte, apoiado no arroio Piquissiri, e estava trocando espaço por tempo, para montar seu novo complexo defensivo. Segundo SILVEIRA (2019):

[...]onde mantinham uma artilharia volante e mais cavalaria e infantaria para barrar a travessia. Sob o comando do barão do Triunfo e sob a orientação de Caxias, a cabeça de ponte foi tomada com poucas baixas das tropas brasileiras. Informações de prisioneiros feitos nesse embate, Caxias toma ciência de que López, desde 24 de agosto, havia-se retirado em direção à Villeta e que a guarnição no Tebicuary foi deixada apenas para retardar o avanço dos aliados.

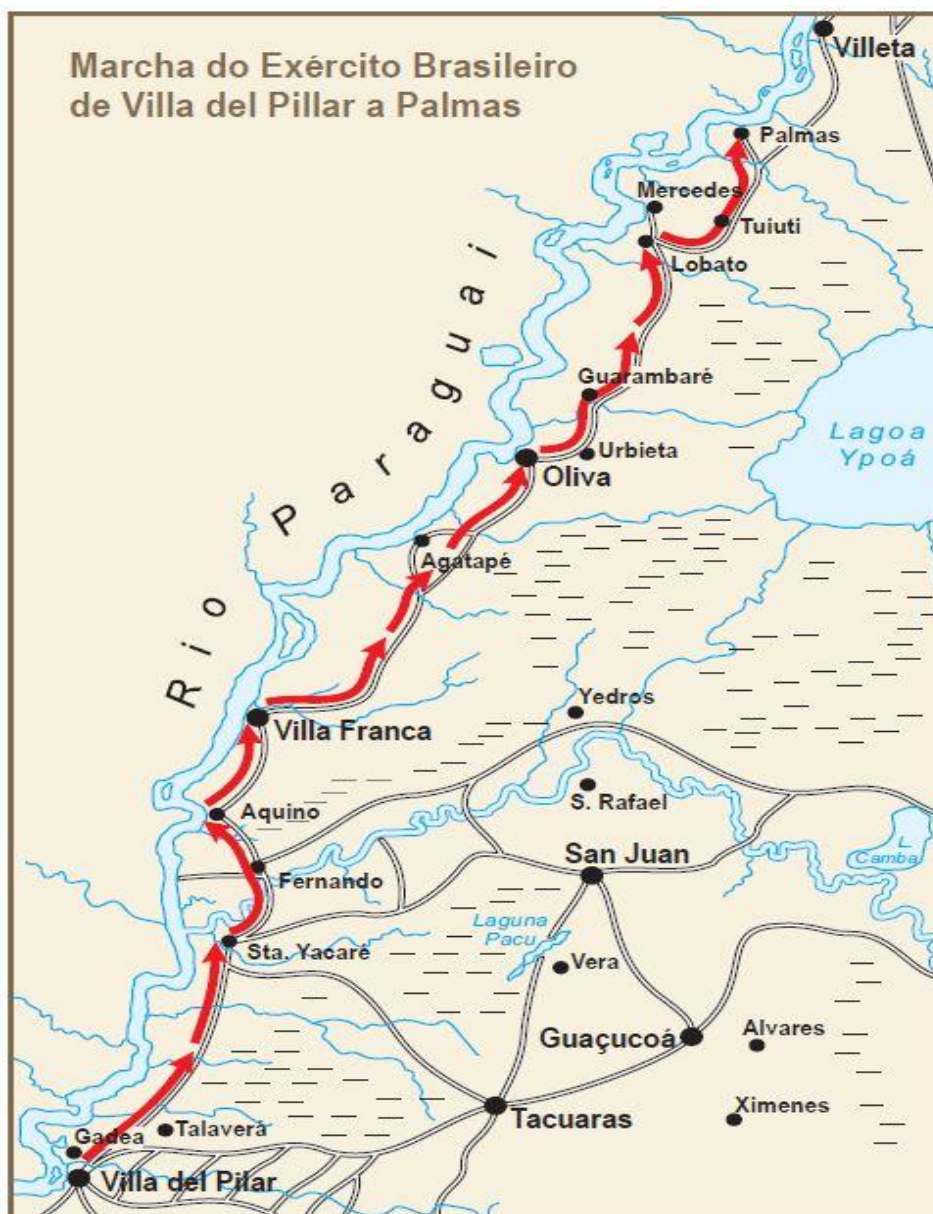


Figura 11 – Marcha de Pilar a Palmas
Fonte: MORGADO, 2019.

Em 28 de setembro, já acampados em Palmas, Caxias ordena que sejam feitos reconhecimentos na região de Piquissiri, para subsidiar seu planejamento.

O primeiro reconhecimento foi feito em 28 de setembro pelo coronel Silva Tavares[...] e pelo tenente-coronel Tibúrcio[...]. Caxias fez reconhecimentos em 29 de setembro e 1º de outubro. Osório se aproximou ao máximo do arroio Piquissiri e foi recebido com tiros de artilharia e fuzilaria. Mesmo assim, completou o reconhecimento verificando que o arroio não dava vau em face das represas montadas na sua foz. Sua travessia só seria possível com a construção de uma ponte e, se assim fosse, seria sob fogo inimigo. O generalíssimo estava convencido de que estava diante de uma posição fortíssima e muito difícil de conquistar por ataque frontal. Era uma defesa entrincheirada de cerca de 9 km, a que se antepunham as águas geradas pela lagoa Ypoá. (SILVEIRA, 2019).

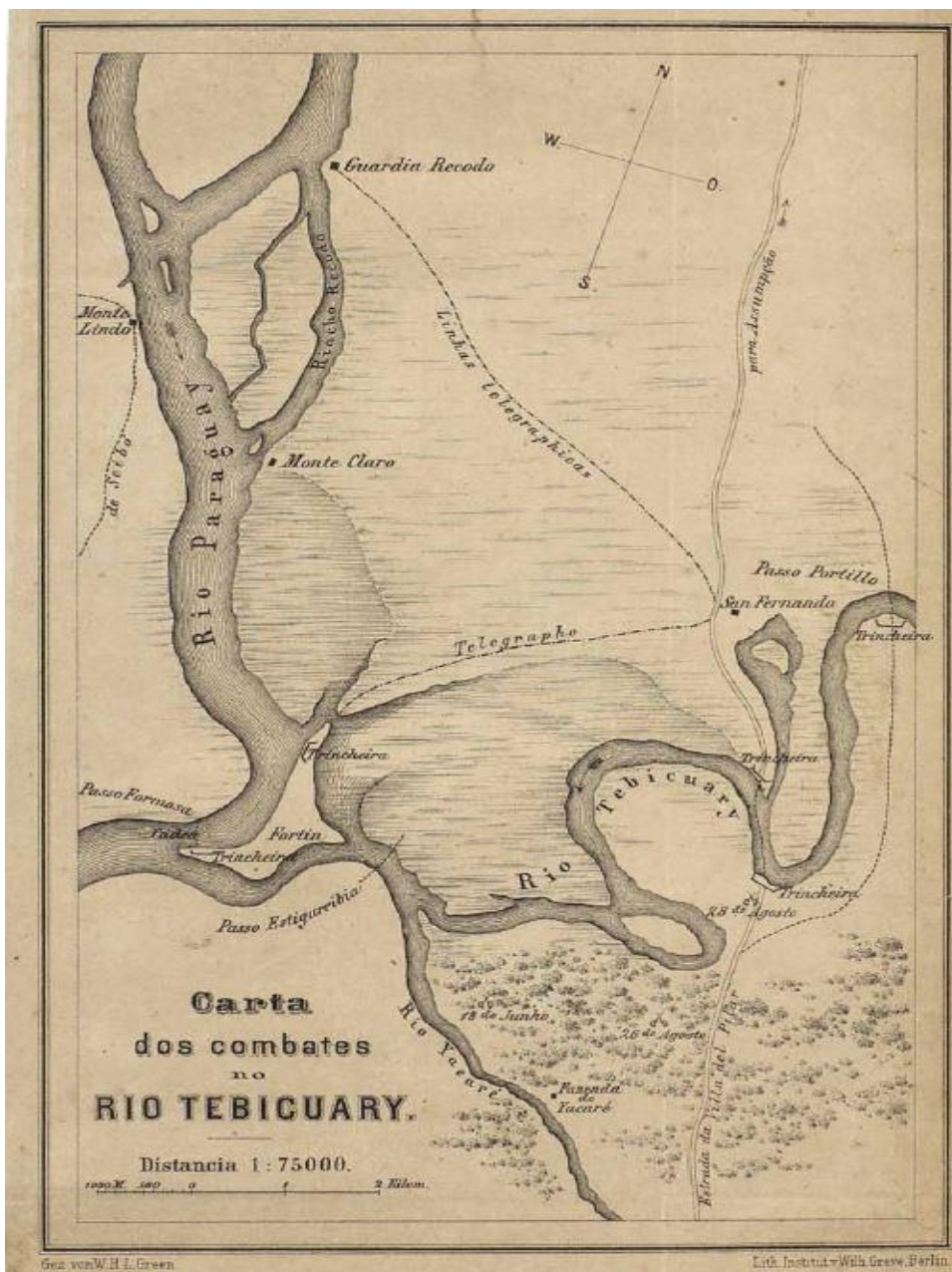


Figura 12 – Carta da região do Rio Tebicuary
Fonte: SCHNEIDER, 1876.

O terreno onde Lopez preparou as novas posições defensivas foi assim descrito por George Thompson, engenheiro inglês a serviço do ditador paraguaio:

Pode dizer-se que imediatamente ao norte de Piquiciri, recém começa a parte habitável do Paraguai, pois às margens daquele arroio tem nascimento as primeiras colinas. Para defender o Piquiciri, era necessário estabelecer uma linha de seis milhas. A posição não podia ser flanqueada, a menos que fosse utilizado o território de Misiones ou o Chaco, caso no qual poderia ser atacado pela retaguarda. Angostura era o único lugar em uma extensão de muitas léguas onde poderia estabelecer-se uma bateria sobre o rio, porque se configurava em uma barranca côncava, em forma de ferradura (THOMPSON, 1992.apud FAGUNDES, 2019).

Foram levantadas algumas linhas de ação. Uma delas era executar um ataque frontal ao complexo. Essa linha de ação já havia sido adotada em batalhas anteriores e havia se mostrado uma manobra extremamente onerosa, em termos de baixas, além de pouca chance de sucesso. Outra era forçar uma passagem da esquadra pelas baterias de Angostura, desembarcando a tropa a retaguarda deste forte. Contudo, essa também era uma linha de ação de grande risco, uma vez que os navios, transportando tropas, se tornavam inadequados ao combate. A manobra pelo flanco leste foi descartada devido ao obstáculo natural representado pelas águas da lagoa Ypoá. Qual seria o plano para derrotar um inimigo que dispõe de cerca de 20.000 homens e mais de 100 canhões, enquanto a tropa aliada dispunha de cerca de 34.000 homens? (FILHO, 1959, p.48). Com um poder de combate que em número de homens não chegava aos 2 atacantes para 1 defensor, enquanto o ideal seria ao menos 3 atacantes para cada defensor, Caxias tomou a seguinte decisão:

O comandante brasileiro decidiu por uma solução mais complexa, porém com maior possibilidade de sucesso: atacar o campo lopista pela retaguarda, vindo do norte. Para contornar o ponto de resistência paraguaio, determinou a construção, por 3.500 homens, de uma estrada com onze quilômetros de extensão na margem esquerda do Paraguai, através do Chaco. (LIMA,2016).

Essa decisão atendia o princípio de guerra da surpresa, pois os paraguaios não acreditavam ser possível o deslocamento da tropa aliada pelo Chaco. Contudo, essa decisão trazia alguns riscos, entre os quais o risco de a tropa ficar isolada, face a um ataque a suas linhas de suprimento, além das cheias do Rio Paraguai. Assim Caxias escreveu em sua ordem do dia de 14 de janeiro de 1869:

Desde que me convenci pelos reconhecimentos a que mandei proceder, e a alguns dos quais pessoalmente assisti, de que o inimigo nas suas trincheiras da extensa linha de PYKYSRY (sic), onde se colocara, não podia ser atacado de frente e pelo flanco direito, em consequência das dificuldades invencíveis que se opunham à marcha do exército, provenientes de um banhado a transpor de légua e meia de extensão e cujas águas eram abastecidas pela lagoa Ypoá, tratei de levar a efeito o plano que concebera de contorná-lo pelo flanco esquerdo, sendo a base das operações ulteriores o Grão Chaco. (FRAGOSO,1959, p.50).

O Comandante em Chefe, justificou sua decisão de realizar a manobra pelo Chaco da seguinte forma:

Ninguém por certo dirá que o Exército Aliado perseguia em Piquiciri uma visão, um fantasma, uma sombra, porque seria absurdo dizer que a força de 13 mil homens com 50 bocas de fogo que o inimigo tinha naquela posição, e que podia ser facilmente levada ao número de 16 ou 18 mil, se concentrasse em seu campo os destacamentos que se encontravam dispersos no interior do País, não era uma força respeitável. Para acometer um exército em tais condições, era preciso manobrar como manobrou o general em chefe, isto é, com toda a prudência e conforme prescrevem as regras da Guerra. Operar por um movimento de colunas isoladas, quando o inimigo tinha reunido todas as suas forças em uma posição inexpugnável, era (como já dissemos) expor essas colunas a serem parcialmente batidas à medida que fossem chegando a seu ponto de concentração (CAXIAS, 1872, apud FAGUNDES, 2019).

Caxias passou a responsabilidade pela construção da estrada ao Gen Argolo. Foram utilizados cerca de 3500 homens na construção, dentre os quais apenas 350 eram pontoneiros acostumados aos serviços de engenharia. A comissão de engenheiros era chefiada pelo tenente-coronel Rufino Enéas Galvão e contava com outros 2 membros, o 1º Ten Carlos Lassance e o alferes Emílio Carlos Jourdan, todos com grande experiência adquirida no desenrolar do conflito. (SILVEIRA, 2019).

A partir do final de outubro, os meios logísticos necessários para a ofensiva, começaram a ser movidos pelo Chaco, de forma lenta e gradativa, devido as grandes dificuldades de transporte, mesmo com a construção da estrada, contribuindo para o apoio cerrado à manobra.

A estrada foi finalizada em apenas 23 dias, e contava com 10.714 metros, onde foram utilizadas cerca de 6 mil palmeiras. O General Dionísio Cerqueira, participante do combate como oficial subalterno, assim descreveu o Chaco:

Desembarcamos num barranco lamacento, coberto de capim, morada predileta das capivaras. Com ondulações suaves, o terreno ia descambando para o interior, até a orla enredada da floresta, onde o chão, excessivamente úmido, era matizado de montículos de gravetos e folhas podres, deixados em sedimentação pelo rio, quando se retirava ao leito normal. Nos galhos das árvores, víamos, muitos metros acima das nossas cabeças, pedaços de pau, raízes e chamiços(sic) enganchados, marcando, com a ciscalhagem (sic) das enchentes, o limite das grandes águas. Sentia-se um cheiro indescritível de mofo, de lama, de todos aqueles detritos putrefados, que nos cercavam por toda parte, e corrompiam o ar, que respirávamos, principalmente à noite. (CERQUEIRA, 1980, p. 262).



Figura 13 – Estrada do Chaco
Fonte: DEC. Acesso em: 27 de julho de 2020

Finalizada a Estrada do Chaco, era necessário decidir sobre o local de desembarque da tropa no lado oposto do Rio Paraguai. Para tal, Caxias fez, pessoalmente, 4 excursões ao Chaco, antes de no dia 27 de novembro, mudar seu Quartel-general, instalando-o no Chaco, ao norte do Arroio Villeta. (FRAGOSO, 1959, p.63).



Figura 14: Chaco Paraguaio
Fonte: Enciclopédia Britânica, apud Silveira, 2019.

Decidido o local do desembarque, deu-se início a travessia da tropa, as 0200hs do dia 5 de dezembro de 1968. O 2º Corpo de Exército desembarcou na região de Santo Antônio, surpreendendo o Exército de Lopez, que nesse momento esperava que o desembarque fosse realizado em Villeta. (FRAGOSO, 1959, p.74). Ao final do dia 5, o 1º, 2º e 3º Corpos de Exército, já haviam realizado a travessia, tendo Caxias emassado seu poder de combate a retaguarda do inimigo. Segundo palavras de Dionísio Cerqueira:

Aproximava-se a hora da passagem do Exército para outra margem, onde o Ditador nos esperava com suas hostes aguerridas e fiéis e a espada do Marquês ia escrever a epopéia(sic) da 'Dezembrada' resplendente de luz e rubra de sangue. Disseram que López afirmava que o Exército Brasileiro teria a mesma sorte do exército do Faraó afogado pelo Mar Vermelho, quando perseguia os hebreus de Moisés. É que a manobra, além de arriscada, parecia, a López, inexecutável, por ser tentada naquele terreno falso e traiçoeiro e na época das cheias do rio Paraguai, que submergiriam todas aqueles lezírias. O Marquês seguiu o conselho de Machiavel: "É preciso ousar empreender aquilo que o adversário julga impossível". Mais uma vez a audácia foi coroada pela fortuna. (CERQUEIRA, 1980, p. 269).

No Rio de Janeiro, Caxias era criticado pela morosidade com que conduzia a guerra após a tomada de Humaitá. Contudo, segundo Fragoso:

Chegava, portanto, o momento em que Caxias ia executar a sua manobra decisiva e elegante contra a retaguarda da posição de López. Levará longo tempo para prepara-la (de 10 de outubro a 4 de dezembro de 1868), mas na apreciação dessa morosidade não se devem perder de vista os embaraços com que teve que lutar. Abrir um caminho no Chaco, consolidá-lo, passar da margem esquerda para a direita do Paraguai cerca de 19 mil homens, levá-los por aquê(sic) caminho outra vez à beira do Paraguai acima de Angostura, arrastar o material necessário e aprovisionar essa massa, era problema difícil, sobretudo naquele território e naquela época, e que necessariamente(sic) reclamava para a sua realização impecável um dilatado período de tempo. (FRAGOSO, 1959, p.67).

O efeito surpresa causado, pela Manobra de Piquissiri, em Solano Lopez é atestada pelo seu engenheiro, o Inglês Thompson, que assim esclarece:

Deixam-nos ver claramente que López havia reconhecido a inutilidade do seu primeiro trabalho. A manobra de Caxias, contornando-o pelo Chaco e vindo depois atacá-lo na retaguarda, baldara-lhe(sic) o esforço e anulara a posição que ele havia construído ao norte do Piquissiri com tanta habilidade e senso tático. (FRAGOSO, 2012, apud BARROS, 2019)

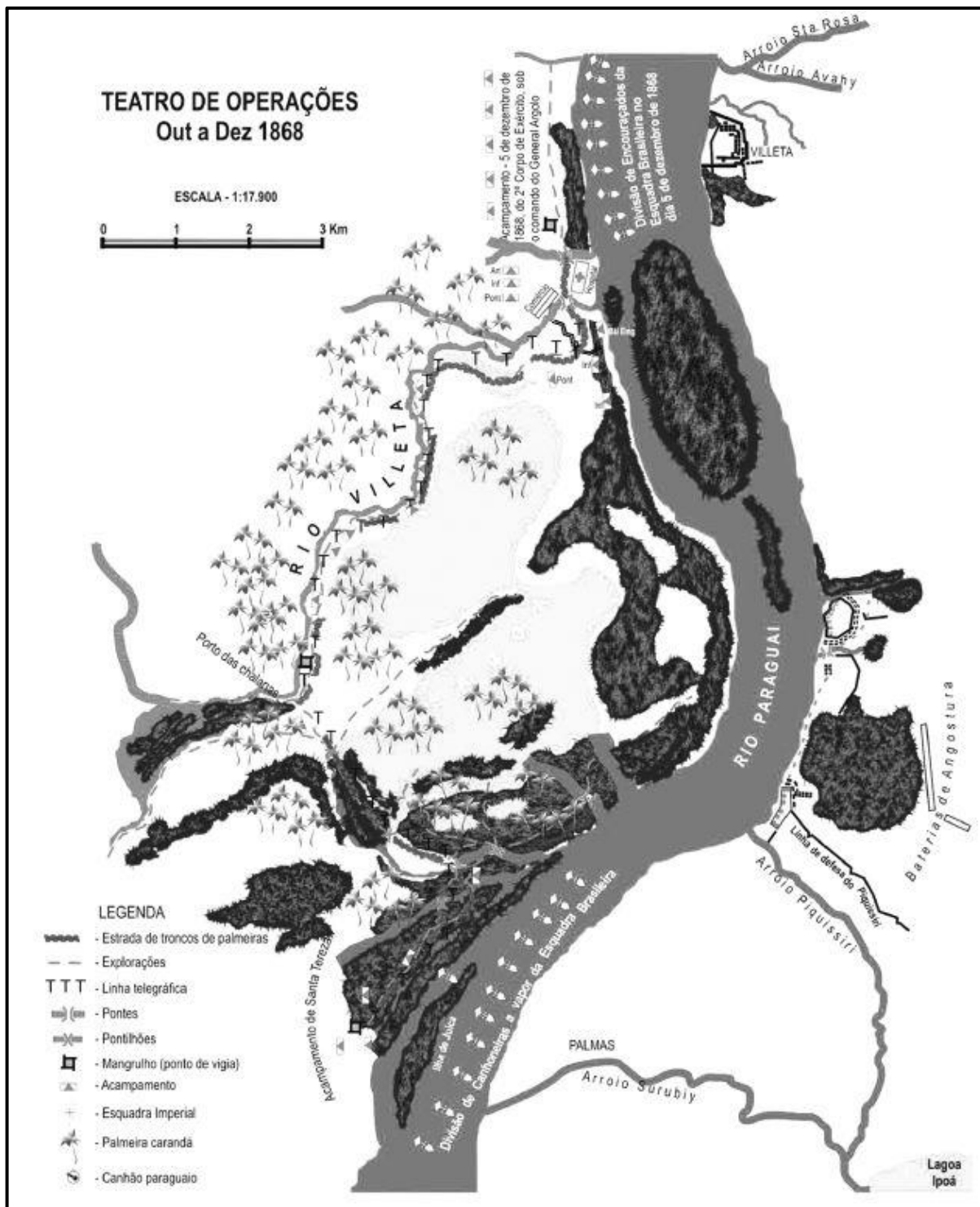


Figura 15: Teatro de Operações (outubro a dezembro de 1868)

Fonte: SILVEIRA 2019.

Analisando-se as ações de Caxias, na realização da Manobra de Piquissiri, no contexto da liderança militar, infere-se que:

- Caxias evidenciou grande **proficiência profissional(saber)**, frente ao desafio que a nova posição defensiva do inimigo lhe opunha, elaborando uma manobra que

causou grande surpresa ao adversário, ao colocar em sua retaguarda, a massa do poder de combate aliado. O Comandante em chefe demonstrou a **atitude adequada(fazer)**, estando junto da tropa na difícil marcha de Pillar até Palmas, mesmo aos 65 anos, demonstrando a tropa o seu **senso moral(ser)**, que lhe impedia de deixar a tropa em condições adversas, enquanto poderia viajar em condições de conforto superiores.

- Em relação as competências do líder militar, Caxias evidenciou entre outros atributos, a **criatividade e flexibilidade**, ao reformular seu plano inicial ao verificar na região do Rio Tebicuary, que Solano Lopez havia montado uma nova posição defensiva ao norte. Demonstrou, ainda, grande resistência física durante as 4 expedições realizadas ao Chaco.

Desta forma, é claro afirmar que as características demonstradas por Caxias foram primordiais para o sucesso da manobra que levou a massa do poder de combate dos aliados a retaguarda do inimigo, mitigando a vantagem numérica relativa do defensor, impedindo que Solano Lopez conseguisse retardar o avanço aliado por anos, como havia feito no quadrilátero de Humaitá. Essa manobra de sucesso, possibilitou a manutenção das operações ofensivas aliadas, poupando recursos humanos e financeiros ao Império do Brasil.

7 AS VITÓRIAS DA DEZEMBRADA

Realizada a manobra de Piquissiri, consoante com Filho (1959), estabelecida a cabeça de ponte em Santo Antônio, os aliados poderiam lançar-se em uma grande ofensiva na direção Sul, atingindo a retaguarda do dispositivo defensivo de Solano Lopez, com 3 corpos de exército, com quase 19 mil militares. O líder paraguaio contava com cerca de 13 a 14 mil militares na região e cerca de 6 mil em Assunção. Deu-se então, a ofensiva aliada, que resultou em uma série de combates conhecidos por Dezembrada.

1.º Corpo (General Bittencourt)	{	Infantaria	4.554		
		Artilharia	190	4.744	
2.º Corpo (General Arago)	{	Infantaria	7.755		
		Artilharia	227		
		Pontoneiros	325	8.307	
3.º Corpo (General Osório)	{	Infantaria	4.690		
		Cavalaria	926	5.616	18.667

Figura 16: Efetivo trasladado a margem esquerda do Rio Paraguai em 6 de dezembro
 Fonte: FRAGOSO, 1959, p.74 v.4.

7.1 A Batalha de Itororó (6 de dezembro de 1868)

Conforme Fragoso (1959), Caxias iniciou o deslocamento das tropas em direção ao Sul, no dia 6 de dezembro, com o seguinte dispositivo: 2º Corpo na vanguarda, 1º Corpo ao centro e 3º Corpo a retaguarda. Assim descreveu Dionísio Cerqueira em suas reminiscências:

Na manhã de 6, seguimos por uma estrada estreita bordadas de capoeirões e pequenos campestres, dando a direita ao rio, que não corria distante. O caminho era ligeiramente acidentado. Chegamos a um alto, donde avistamos ao longe, na baixada, uma ponte estreita. O inimigo estava do outro lado em grande número. À esquerda, tínhamos mata mais ou menos rarefeita; e à direita, recordo-me vagamente, o terreno era escabroso, com uma vegetação raquítica de cardos e árvores retorcidas, cheias de espinhos, crescendo entre brejos; e céspedes enormes e irregulares, cobertos de gramíneas crestadas pelo sol. Ao avistar-nos no alto, o inimigo, cuja artilharia dominava a ponte sobre o arroio Itororó, rompeu fogo sobre a vanguarda. Travou-se o combate. (CERQUEIRA, 1980, p.270.)

As forças de Solano Lopez, em Itororó, eram comandadas pelo General Caballero. De acordo com Morgado (2010), o disposto adotado por Caballero foi o seguinte:

Colocou quatro canhões de cada lado da ponte, cruzando fogos com tiros diretos; na colina, os quatro restantes, batendo frontalmente. Seus 3 mil infantes foram colocados em atiradores, aproveitando o terreno e a proteção da vegetação. Sua cavalaria ficou à retaguarda da colina, concentrada e igualmente protegida das vistas e dos fogos dos brasileiros. A ponte, tosca e de madeira, com três metros de largura, só permitia a passagem de linhas de quatro a seis homens emassados ombro a ombro, donde se deduz que o escoamento da tropa nessa travessia foi realizado em coluna de pelotões. Embora o poder relativo de combate favorecesse Caxias – eram 17 mil(?) homens contra 5 mil, o terreno foi o fator preponderante que conduziu as ações. Imaginemos o desembocar do ataque nessas condições e teremos as explicações para a carnificina que se seguiu. O gargalo criado não permitia a colocação de massa suficiente para atacar com sucesso o dispositivo paraguaio. Do lado brasileiro, a conformação do terreno não permitia o posicionamento das peças de artilharia para apoiar as ações. O uso da cavalaria também não contribuiu para o êxito, pois, além de disputar com a infantaria o espaço existente para manobrar, não encontrou espaço adequado para o seu emprego. Durante cinco horas, colunas de homens

reforçavam o insucesso, e a confusão se estabelecia entre as tropas que desembocavam da ponte e as que retraíam sob o fogo de canhões e fuzis, além das cargas da cavalaria paraguaia e ainda da presença nesse espaço da cavalaria brasileira (MORGADO, 2011, p.19).

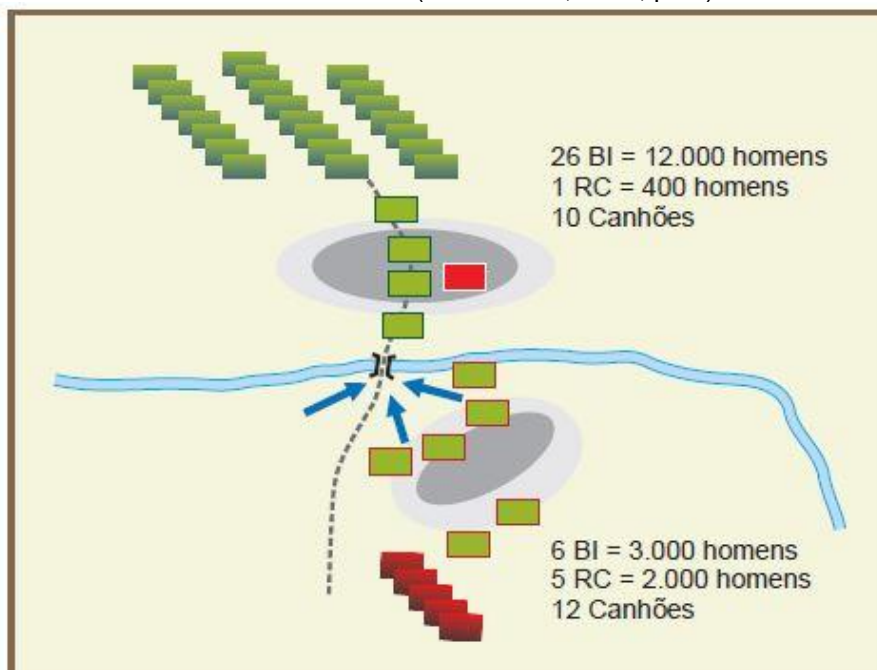


Figura 17: Dispositivo inicial em Itororó
Fonte: MORGADO (2011)

O combate iniciou com parte do 1º Corpo ultrapassando a ponte, mas sendo logo repellido por forte contra-ataque do inimigo. Segundo Gonçalves (2009), a grande dificuldade consistia em atravessar a estreita ponte, o que deveria ser feito por colunas. Desta forma, a tropa brasileira recebia fogos pela frente e pelos flancos. Consoante com Fragozo (1959), o Gen Argolo mandou abrir duas picadas, para que os canhões da artilharia brasileira pudessem alcançar o rio, aumentando o apoio de fogo as tropas. Contudo, apenas duas peças puderam ser colocadas em cada picada.

Após novo ataque, as forças brasileiras conseguiram avançar, ganhando terreno em direção ao descampado. Contudo, ao chegar ao descampado, foram rechaçados por um contra-ataque da cavalaria inimiga, sendo obrigados a retrain para o lado aliado do arroio. Consoante com Fragozo (1959), Caxias foi informado pelo major paraguaio Céspedes, guia do 3º Corpo, que havia um caminho de cerca de 10 quilômetros que permitia desbordar a posição inimiga. Observando que poderia realizar uma manobra de desbordamento, Caxias incumbiu o 3º Corpo, comandado pelo Gen Osório, de realizar tal ação.

Para permitir o desbordamento de Osório, Caxias ordena que o 2º Corpo de Exército mantivesse o inimigo fixado. Contudo, segundo Filho (1959), o 2º Corpo ao

invés de fixar o inimigo, acabou engajando-se decisivamente no combate. Após quase cinco horas de combate, Osório não havia conseguido realizar o desbordamento.

Assim Fragoso (1959) descreve esse momento do combate:

Então, o comandante do 2º Corpo, o brioso Argôlo, se resolve a entrar com as forças que se achavam no terreno na área do combate e a vingar no sangue do inimigo a morte de tantos dos seus bravos; mas ao passar a fatal ponte foi também ferido e, quase sem sentidos, teve de ser conduzido pelos seus ajudantes de ordens para a retaguarda das linhas[...] A situação tornara-se evidentemente crítica; tôda(sic) a vanguarda, isto é, todo o 2º Corpo estava quase consumido sem nenhum resultado decisivo. Que se teria passado com Osório? Não havia sinais de haver atingido o flanco do inimigo. (FRAGOSO, 1959, p.80. v.4).

Aos poucos a tropa aliada tinha seu poder de combate desgastado pelo brioso inimigo. Consoante com COELHO (2020), diante do cenário de destruição e morte, a tropa brasileira começou a demonstrar sinais de fraqueza e covardia. Muitos soldados se negavam a atravessar a ponte. Caxias visualizou que uma possível derrota, ao final daquela dura jornada, poderia abalar seriamente a confiança do restante da tropa. Foi então que, em uma decisão fundamentada puramente no fator moral e na audácia, que o próprio comandante em chefe, resolve conduzir pessoalmente o combate (FILHO, 1959).

No intuito de infundir coragem às suas tropas, desembainha a espada e lança aquela exclamação que ficou histórica: “Sigam-me os que forem brasileiros!” (FRAGOSO, 1959, p.81, p.81.). Mesmo tendo o cavalo alvejado e morto, o marquês não deixou de intensificar os golpes contra os adversários e de gritar ordens aos comandados (LIMA, 2016, p.269). Esse momento é descrito da seguinte forma pela testemunha ocular Dionísio Cerqueira:

Passou pela nossa frente animado, ereto no cavalo, o boné de capa branca com tapanuca(sic), de pala levantada e preso ao queixo, pela jugular, a espada curva desembainhada, empunhada com vigor, e presa pelo fiador de ouro, o velho general-chefe, que parecia ter recuperado a energia e o fogo dos vinte anos. Estava realmente belo. Perfilamo-nos como uma centelha elétrica tivesse passado por todos nós. Apertávamos o punho das espadas, e ouvia-se num murmúrio de bravos ao grande marechal. O batalhão mexia-se agitado e atraído pela nobre figura que a baixou a espada em ligeira saudação aos seus soldados. O comandante deu a voz de firme. Dali a pouco, o maior dos nossos generais arrojava-se impávido sobre a ponte, acompanhado dos batalhões galvanizados pela irradiação da sua glória. Houve quem visse moribundos, quando ele passou, erguerem-se brandindo espadas ou carabinas para caírem mortos adiante. A carga foi irresistível e o inimigo completamente feito em pedaços. As bandas tocaram o hino nacional, cujas notas sugestivas se mesclaram com a alvorada alegre, repetida pelos corneteiros que ainda viviam (CERQUEIRA, 1980, p. 272 e 273).

Passadas cinco horas, teve fim o combate, tendo os inimigos recuado para as margens do rio Avaí (LIMA, 2016). Conforme Morgado (2011), em Itororó, perdemos 132 oficiais, num total de 1800 baixas. As baixas do defensor paraguaio foram estimadas em cerca de 1000, sendo 400 mortos. Costa(1974) afirma que Osório chegou meia hora após o término do combate, devido ao caminho percorrido ter sido o dobro do informado inicialmente. Alguns autores, contudo, defendem que o Gen Caballero poderia ter resistido por mais tempo, tendo se retirado ao ser informado do movimento da tropa de Osório, o que lhe deixaria em uma posição extremamente desfavorável no combate. Dessa forma, fica evidente o acerto do Marquês ao enviar o 3º Corpo para o desbordamento.

7.2 A Batalha do Avaí (11 de dezembro de 1868)

Derrotado em Itororó, Caballero recebeu ordem de López no sentido de deter CAXIAS no corte do Avaí, tendo recebido considerável reforço (FILHO,1959). O Marquês não estava disposto a dar trégua as tropas de López e mesmo com as pesadas baixas sofridas em Itororó, resolveu dar início a perseguição no dia seguinte (GONÇALVES, 2009). Essa foi uma decisão difícil tomada pelo Comandante em chefe, pois a tropa havia saído de Santo Antônio com provisões para apenas três dias, visto que o plano inicial era chegar em Villeta para ser ressuprido pelos navios da esquadra (DORATIOTO, 2002). Segundo CERQUEIRA(1980), naquele pernoite, a ração foi de espigas de milho colhidas nas redondezas, Caxias e seu estado-maior delas se alimentaram, dando exemplo de companheirismo e servidão.

A tropa seguiu para o porto de Guarda Ipaé, onde foram ressupridos e receberam os reforços do grosso da cavalaria que recém atravessara do Chaco para a margem leste do rio Paraguai. Conforme MORGADO(2011):

No dia 11, reorganizada e ressuprida a tropa, Caxias retomou o movimento, tendo como objetivo a conquista de Villeta, um porto que lhe proporcionaria um ponto de apoio necessário ao prosseguimento das operações sobre o Piquiciri. A leste da vila algumas elevações dominam o caminho que, vindo do norte, a ela conduz. Entre elas, correm dois arroios, dos quais o primeiro se chama Avaí.

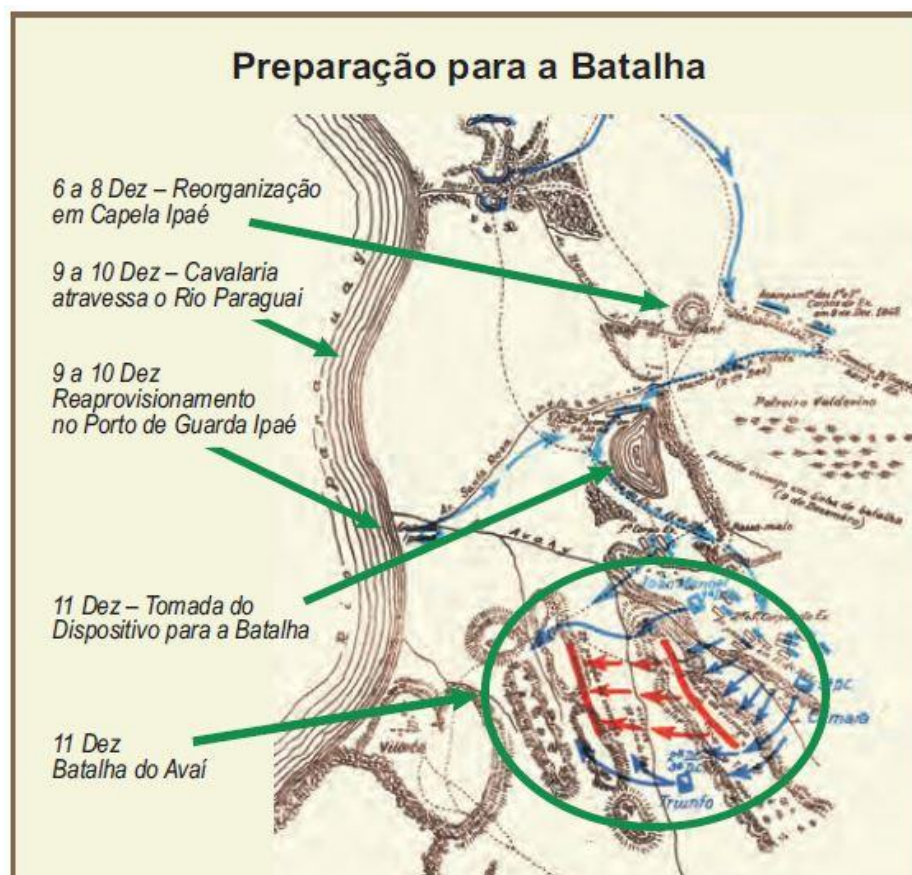


Figura 18: Preparação para a Batalha do Avaí

Fonte: MORGADO, 2011.

Já nas proximidades do arroio Avaí, o Marquês é informado pela vanguarda, que a linha do Avaí estava defendida. Nesse momento os brasileiros contavam com cerca de 19 mil homens e os paraguaios por volta de 6 mil, além de 18 peças de artilharia, dispostos em linha no alto da colina e dispostos a travar combate, em ótimas condições para repelir as forças de Caxias (Lima, 1967).

Com o inimigo disposto em linha na colina, o Marquês concebeu uma manobra que visava romper o dispositivo do inimigo e ao mesmo tempo atuar nos seus dois flancos, tendo em vista cortar a sua retaguarda (FAGUNDES, 2019). A batalha é assim descrita por MORGADO (2011):

O combate começou com a 5ª Divisão de Cavalaria rompendo o movimento em direção ao inimigo, seguida pela 3ª Brigada de Infantaria (quatro batalhões). Ao cruzarem o arroio, encontraram os paraguaios com seus meios colocados em batalha[...] Rompeu-se o fogo. Osório apenas empregou esses quatro batalhões, dos 14 que possuía, derivando para a direita da posição inimiga, que pretendia flanquear. Cruzado o Avaí, desabou um temporal e o arroio se encheu, dificultando o movimento. Osório prosseguiu e Caballero empregou parte de sua cavalaria sobre a 3ª Brigada que, submetida ao temporal, não conseguira formar quadrados (que era a maneira de combater da infantaria em face das cargas de cavalaria). Osório empregou

a cavalaria de Câmara pela esquerda para aliviar a pressão dos paraguaios. Caballero contra-atacou com o restante de sua cavalaria apoiada pela infantaria. A 3ª Brigada e a 5ª Divisão de Cavalaria não conseguiram resistir e começaram a retrair. Caxias interveio e determinou que o restante da infantaria do 3º Corpo[...] fosse empregado. Além disso, manobrou com o 2º Corpo[...] lançando-o pela esquerda de seu dispositivo[...]. As divisões de cavalaria já haviam iniciado o seu movimento em direção à retaguarda do dispositivo paraguaio. Osório, ao perceber o retraimento da 3ª Brigada, reconduziu-a ao contra-ataque, mesmo em situação de inferioridade. Nessa ocasião foi ferido e retirou-se do campo de batalha. A 4ª Divisão de Infantaria, a mais numerosa do Exército, não conseguiu atravessar o arroio e reforçar esse contra-ataque. **Ao comando de Caxias, as divisões de infantaria dos 3º e 2º Corpos atravessam o caudal com água na altura do peito e se lançam ao ataque.** Caballero é obrigado a retrair para a outra elevação na direção de Villeta, mas é cercado pelas divisões de cavalaria (1ª, 2ª e 3ª). O marquês emprega ainda o 1º Corpo pela direita em apoio a João Manoel e lança a divisão de Câmara pelo centro, junto com a infantaria. Fecha-se o cerco e o inimigo é destruído. Eram 13h, e, semelhante a Itororó, a batalha durara cinco horas. Dos 5600 homens só sobraram duzentos, que fugiram com Caballero em direção a Ita Ivaté. Foram capturados os 18 canhões paraguaios. As perdas brasileiras somaram 729 homens. (MORGADO, 2011, grifo do autor).

Terminado o combate, a tropa seguiu para Villeta, onde acampou. Caxias achou conveniente dar um descanso a tropa. Entre os dias 12 a 17 de dezembro, a prioridade foi a reorganização da tropa. Segundo FRAGOSO (1959), Caxias reorganizou os batalhões, dissolvendo alguns, para completar outros. A tropa recebeu suprimento para mais quinze dias de operação. O Marquês mandou juntar-se a tropa em Villeta os três batalhões que estavam guardando a estrada do Chaco. Novamente, Caxias mostrava sua grande capacidade de gerenciamento. Villeta foi transformada em uma nova base para as operações brasileiras em poucos dias.

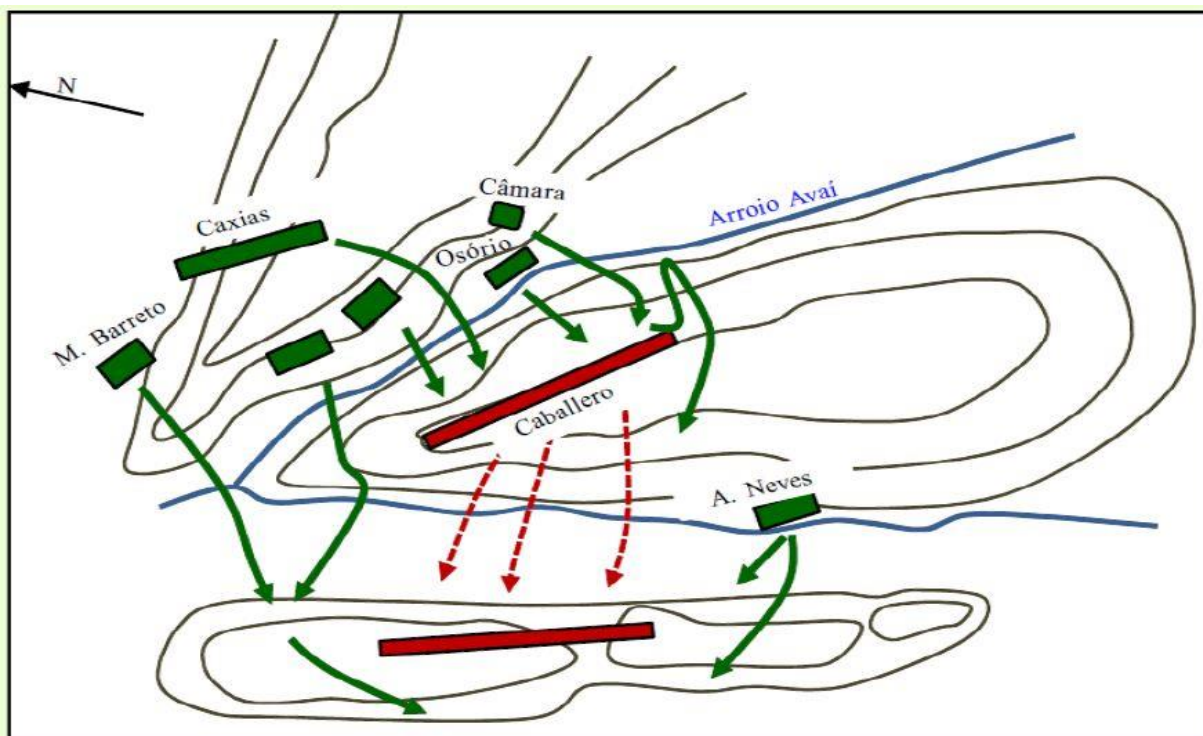


Figura 19: Disposição das tropas na Batalha do Avaí

Fonte: Cadeira de História Militar – AMAN (2015), apud FAGUNDES, 2019.

Solano López, que mais uma vez havia ficado distante do campo de batalha, custou a acreditar na derrota informada pelo general Caballero. O acampamento de Lomas Valentinas e o solitário ponto de apoio da bateria de Angostura, às margens do rio Paraguai, tornavam-se seus últimos bastiões na região. Era o momento de tomar algumas decisões cruciais. Entre elas estabelecer o destino dos condenados nos Julgamentos de San Fernando. (LIMA, 2016).

7.3 LOMAS VALENTINA (21 a 27 de dezembro de 1868)

Após inúmeras batalhas entre os aliados e a República Guarani, o conflito se encaminhou para seus momentos decisivos. As tropas paraguaias se instalaram nas fortificações de Lomas Valentinas, Angostura e arredores, onde se encontravam cerca de dezoito mil militares (COELHO, 2020).

Durante os reconhecimentos executados entre os dias 12 e 20 de dezembro, foram levantados alguns aspectos sobre o terreno onde o inimigo estava disposto.

Conforme Morgado (2011):

A posição de Lomas Valentinas é formada por algumas colinas que se elevam suavemente no sentido norte-sul e terminam por um declive mais acentuado no sentido leste-oeste, sobre o corte do Piquiciri. A colina longitudinal é denominada de Corumbaiti e a transversal, de Ita-Ibaté.

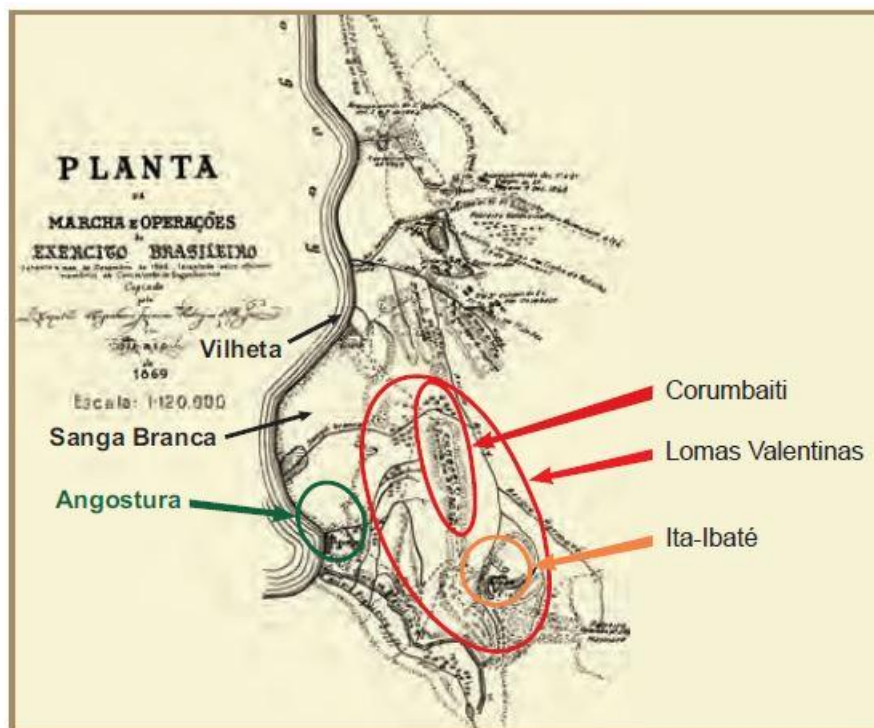


Figura 20: O terreno em Lomas Valentina
Fonte: MORGADO, 2011.

Consoante com FRAGOSO (1959), Caxias agora deveria estudar uma manobra para assenhorar-se desse conjunto. A elevação de Itá-Ibaté era o ponto dominante do terreno. Os paraguaios, que inicialmente haviam construído suas posições para enfrentar o inimigo vindo pelo sul, tiveram pouco tempo para preparar suas posições para enfrenta-lo vindo pelo norte. Segundo MORGADO (2011), o major brasileiro Cunha Matos, que havia sido feito prisioneiro em Tuiuti, declarou que os paraguaios só iniciaram a fortificar as posições para fazer frente a um ataque por norte, no dia 12 de dezembro. Mérito para a manobra do Chaco, elaborada pelo Marquês.

A situação inimiga foi assim descrita por FRAGOSO (1959):

López juntou então tôda(sic) gente que pôde(sic);reuniu em seu quartel-general cêrca(sic) de 3 mil homens (em Ita-Ibaté) e grande quantidade de canhões, inclusive o Wuhworth de calibre 32. Abriu-se um fôssco(sic) de 2 pés de largura e 2 de profundidade, amontoando a terra na frente, de maneira que os soldados podiam ficar um tanto resguardados dos tiros de fuzil[...] conservou como reserva únicamamente(sic) a sua escolta. [...] a cavalaria ficou ao redor das trincheiras. [...] Toda a trincheira de Pykysyry ficou confiada a 1.500 homens [...] estava artilhada com vários calibres.

Cabe ressaltar, que as baterias de Angostura continuavam a impedir o auxílio da esquadra à manobra terrestre. Segundo MORGADO (2011), Caxias definiu Ita-Ibaté como objetivo, por entender que caindo essa posição, as outras seriam

facilmente tomadas. Para cumprir a missão, organizou o exército em duas colunas. O 1º Corpo atacaria o flanco esquerdo da posição inimiga. O 2º Corpo atacaria o flanco direito. A cavalaria de Andrade Neves, composta por 2 divisões, ficou com a missão de contornar por oeste as Lomas Valentinas, para bater o inimigo e cortar as comunicações de López com Piquissiri. O Marquês planejou, ainda, um ataque partindo de Villeta na direção de Palmas, com a finalidade de fixar o inimigo na direção Palmas-Villeta.

No dia 21, as tropas iniciaram o movimento na direção de Lomas Valentina, em um percurso de cerca de 9 quilômetros. Consoante FRAGOSO (2011), antes da partida foi distribuída a seguinte proclamação a tropa:

Camaradas! o inimigo, vencido por vós na ponte de Itororó e no arroio Avay, nos espera na Loma Valentina com o resto do seu Exército. Marchemos sôbre(sic) êle(sic), e com esta batalha mais teremos concluído nossas fadigas e provações. O Deus dos exércitos está conosco! Eia! Marchemos ao combate, que a vitória é certa, porque o general e amigo que vos guia ainda até hoje não foi vencido. Viva o Imperador! Vivam os exércitos aliados! (FRAGOSO, 1959, v.4. p118).

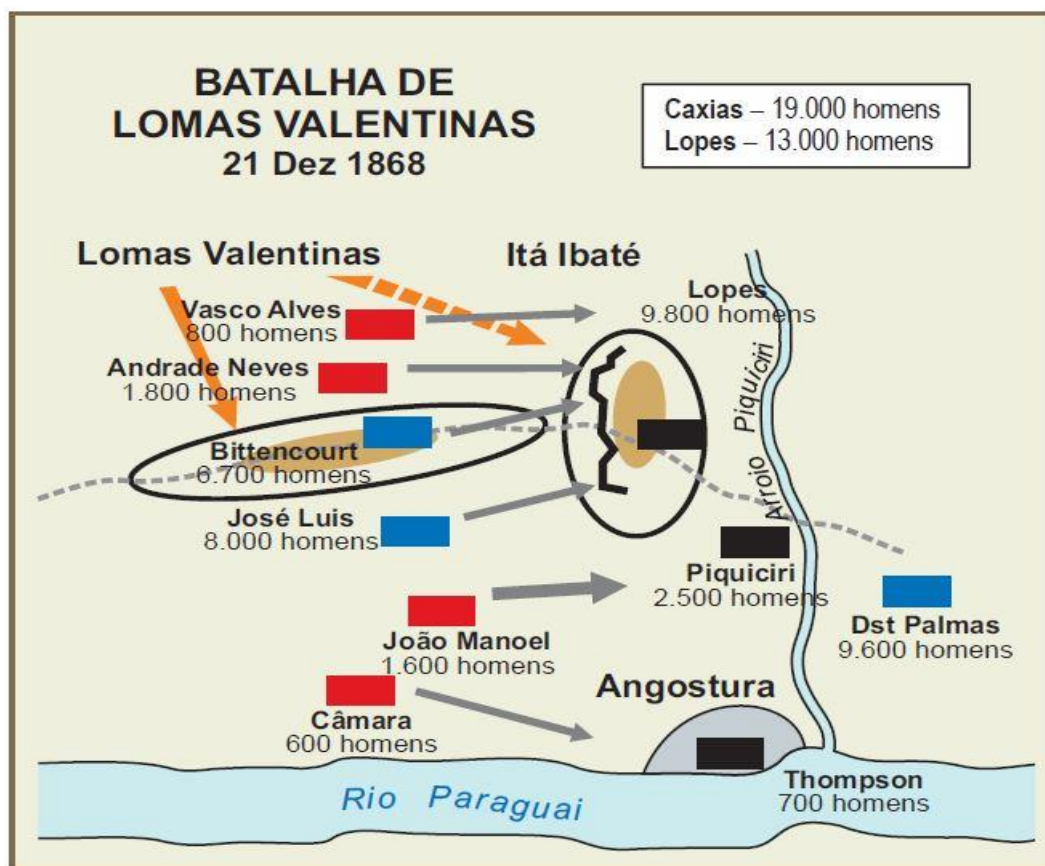


Figura 21: O dispositivo da batalha de Lomas Valentina
Fonte: MORGADO, 2011.

O ataque teve início às 15:00 horas. Conforme DORATITO (2002), no primeiro ataque a Ita-Ivaté, em 21 de dezembro, os batalhões das diferentes brigadas estendidos em linhas de atiradores investiram contra as trincheiras inimigas, subiram a escarpa do fosso em passo-de-marcha, com as baionetas caladas, transpuseram as posições inimigas, lutando contra os defensores paraguaios. O combate se mostrou mais difícil que o esperado. Segundo MORGADO (2011), Caxias determina que Andrade Neves reforçasse o 1º Corpo, que no fim do dia, conquista parte das trincheiras e 14 canhões. O ataque ao flanco direito, obteve um sucesso momentâneo, capturando parte das trincheiras, mas acabaram sendo rechaçados. Consoante Tasso Fragoso (1959), Caxias ainda dispunha de forças para efetuar um contra-ataque de conjunto e reconquistar o terreno perdido, mas, como a noite caía rapidamente, era necessário cuidar dos feridos e restabelecer a ordem nas diferentes unidades. Ao cair da noite o combate foi interrompido, com as tropas aliadas mantendo o terreno conquistado para ter melhores condições de partida em ataques futuros.

No dia 22, Caxias tratou de recompor as forças aliadas na operação. Consoante com MORGADO (2011), foram trazidas tropas que se encontravam em Villeta, Palmas e Humaitá, incluindo as tropas argentina e uruguaia e a artilharia de Mallet.

No dia 24, véspera de natal, Caxias manda um ultimado a Solano López. Segundo

No dia 24, um emissário adentrou o acampamento de Lomas Valentinas trazendo uma mensagem dos integrantes da Aliança, que propunham ao Mariscal que depusesse as armas e se rendesse, “como forma de poupar muitas vidas de ambos os lados”. O documento que foi encaminhado a López levava as assinaturas de Caxias, representando o Brasil, a do general Gelly y Obes, em nome da Argentina, e a do general Enrique Castro, do Uruguai. Solano López desconsiderou a oferta e mandou o mensageiro de volta. Ainda assim, o soldado pôde confirmar algo que Caxias desconfiava, com base em informações de seus subordinados: que a defesa paraguaia estava aberta em dois pontos, duas passagens estreitas diante da trilha que dividia as colinas. (LIMA, 2016).

No dia 25, Caxias ordenou intenso bombardeio as posições defensivas paraguaias. O dia 26 foi dedicado a preparação para o segundo ataque. As tropas foram reorganizadas com a seguinte composição:

Para o ataque final desencadeado no dia 27, o exército imperial foi organizado com duas divisões de infantaria, sete brigadas e 21 batalhões dessa arma, além das mesmas divisões de cavalaria e contando com três regimentos de artilharia a cavalo, num total de 15954 homens. Os argentinos somavam 6652 homens e os orientais oitocentos. (MORGADO, 2011).

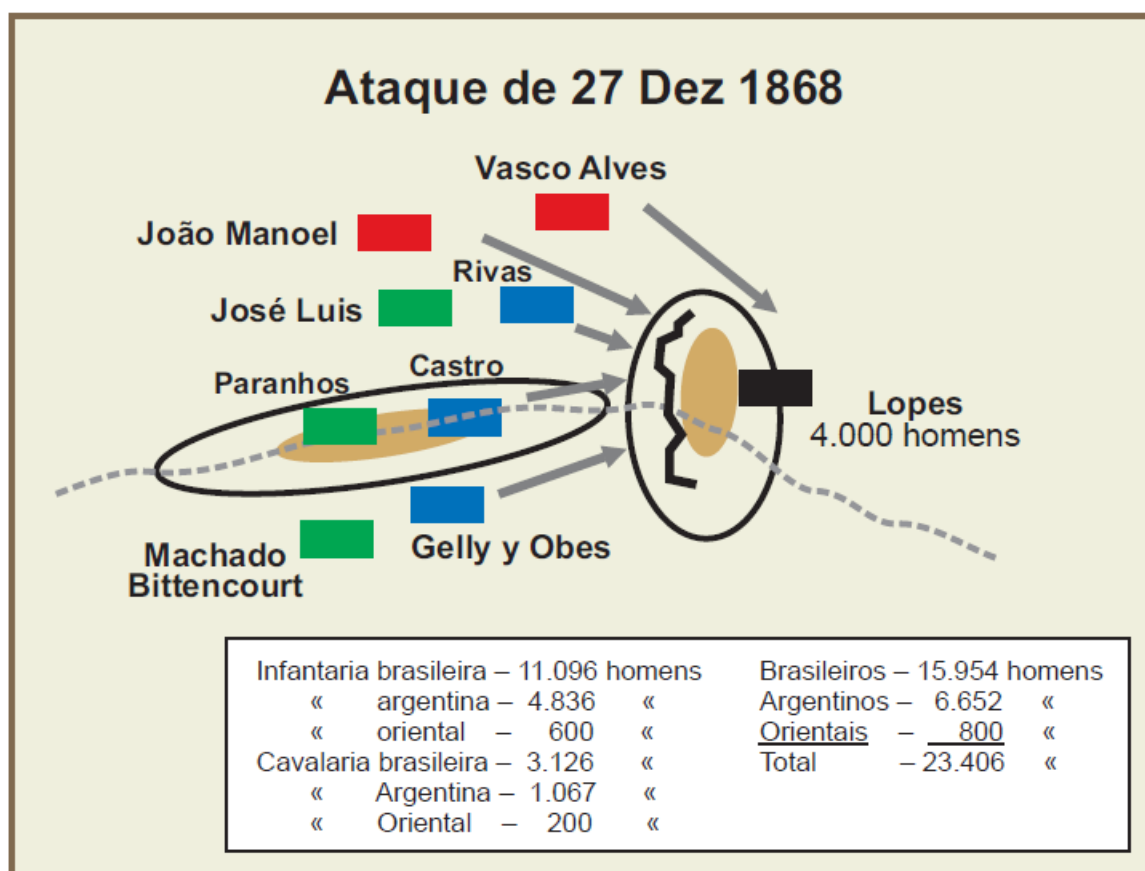


Figura 22: Dispositivo do ataque de 27 de dezembro
Fonte: MORGADO, 2011.

No dia 27, às 6 horas da manhã, foi realizada uma intensa preparação de artilharia, com 46 canhões (MORGADO, 2011). DORATIOTO (2002) relata de forma simplista a batalha:

No dia 27, às 6 horas da manhã, iniciou-se o assalto ao quartel-general de Solano López. Dele participaram, além dos brasileiros, e, vindos de Palmas, após conquistarem as trincheiras inimigas de Piquissirí, argentinos e a pequena força uruguaia, que atacaram a retaguarda de Itá-Ivaté. Atacados pela frente, pelos flancos e pela retaguarda, os paraguaios resistiram com grande bravura, o que não os impediu de serem aniquilados.

Apesar do cerco, realizado pelos aliados Solano López consegue fugir da área de operações com a sua escolta pelo potreiro de Marmol, em um caminho que conduzia direto as cordilheiras (COELHO,2020). Consoante com MORGADO (2011), as tropas de Thompson, que guarneciam Angostura, se renderam no dia 30 de dezembro, após serem intimados por Caxias e verificarem que as tropas de Avaí haviam sido derrotadas.

Estava terminada a série de batalhas ocorridas no mês de dezembro de 1868, conhecida por Dezembrada. Aproximadamente 1700 militares chegam a Assunção

em 1º de janeiro de 1869. O grosso da tropa chega no dia 5, junto com o Marquês. Caxias, considerando que sua missão já havia se encerrado, envia carta ao Ministro da Guerra onde pode-se encontrar o seguinte trecho:

Achando-me muito fatigado e principiando a arruinar-se a minha saúde, com o excessivo calor deste país e sendo-me por isso impossível continuar no comando do exército, rogo a V. Exa. encarecidamente que me mande um sucessor ou que designe a quem dos oficiais gerais que aqui se acham devo entregar o exército; prevenindo a V. Exa. que o Visconde de Herval e o Marechal Argôlo se acham feridos e que antes de três meses não poderão prestar serviço. No caso que o governo julgue em sua sabedoria que não me deve demitir, rogo a V. Exa. que ao menos, em remuneração dos serviços que eu penso que aqui ter prestado, me conceda três meses de licença, para ir tratar de minha saúde onde me convier, prometendo voltar logo que me ache melhor. (FRAGOSO, 1959, v.4, p. 178).

Ainda consoante com FRAGOSO(1959), aquele grande brasileiro, com a saúde alterada de um sexagenário que a mais de dois anos vivia em campanha, e que tanto já havia feito pelo império, solicitava como recompensa pelos serviços, que porventura tivesse prestado, apenas três meses de licença.

Da análise das ações de Caxias, durante as batalhas da Dezembrada, depreende-se que:

- A **proficiência profissional**, caracterizada pelo saber, ficou evidente nas manobras realizadas em Avaí e Lomas Valentina. Em Itororó, a manobra pelo flanco chegou a ser concebida, não se concretizando devido ao atraso da cavalaria de Osório em chegar na posição e a ação do 2º Corpo que se engajou decisivamente no combate. O Marquês demonstrou a **atitude adequada**, e **resistência física** ao estar junto a tropa em diversos momentos, inclusive dando exemplo ao se alimentar apenas de espigas de milho junto da tropa, após a batalha de Itororó, mesmo tendo a sua disposição o serviço de um intendente.

Durante a Dezembrada, houve um número incontável de exemplos de competências atinentes ao líder militar, dentre as quais:

- A **resistência**, que o permitiu impor o **dinamismo**, ao conquistar uma série de vitórias no período de apenas um mês de intensos combates;

- Em Itororó e Avaí, a **coragem** e a **autoconfiança** que o fizeram se lançar a frente da tropa no combate, **persuadindo** seus subordinados a combater frente as diversidades que se colocavam a tropa;

- Em Lomas Valentina, demonstrou **objetividade**, ao selecionar corretamente o centro de gravidade do inimigo, caracterizado pelo dispositivo defensivo de Itá-Itabé;

- Ademais, demonstrou grande capacidade de **organização e direção**, ao conduzir as tropas na retaguarda do inimigo, mesmo com toda dificuldade logística que se apresentava aos aliados.

Em síntese, as ações adotadas por Caxias durante a Dezembrada, permitiram que fosse mantido um ritmo acelerado de operações, que impediram o inimigo de se organizar adequadamente e adotar um dispositivo defensivo forte, o que poderia impossibilitar a vitória dos aliados, visto que o poder de combate dos atacantes se manteve inferior a 3 para 1, o que favorecia as tropas que se defendiam.

8 CONCLUSÃO

A Guerra do Paraguai foi o maior conflito armado ocorrido em solo sul-americano. O conflito iniciado pelo ditador Paraguaio Solano López, com o aprisionamento do navio brasileiro “Marquês de Olinda”, em Assunção, em 11 de novembro de 1864, teve fim com a morte do Ditador em 1º de março de 1870. O comando das tropas brasileiras iniciou com o Marechal Manuel Luís Osório como Cmt das forças terrestre e o Marquês de Tamandaré no comando das forças navais.

O dia 19 de novembro de 1866 marcou a assunção de comando do Duque de Caixas, então Marques de Caxias as tropas brasileiras que participavam da Guerra do Paraguai, compondo a Tríplice Aliança. Cabe ressaltar, que nessa data, o Duque assumiu o comando das tropas terrestres e navais brasileiras, permanecendo como comandante em Chefe das tropas aliadas (terrestres) o presidente da República da Argentina, Bartolomé Mitre.

Havia grandes intrigas entre os chefes militares brasileiros e argentinos e entre os próprios brasileiros. Entre os brasileiros e argentinos pousava uma dúvida das reais intenções de Mitre quanto a ultrapassagem da Esquadra Imperial pelas baterias de Humaitá. Para os brasileiros, Mitre tinha intenção de que a esquadra imperial fosse destruída, pois assim, teria o controle de toda Bacia do Prata no pós-guerra. Já o comandante argentino tinha grandes ressalvas a alguns chefes brasileiros, considerando que as intrigas entre estes eram prejudiciais a condução das tropas. De fato, chefes militares levaram as divergências políticas entre o Partido Liberal e o Partido Conservador para os campos de batalha.

Em relação ao pessoal, a derrota em Curupaiti havia minado seu já combalido moral. Existiam sérios problemas disciplinares e uma grande diferença de organização

entre os 2 Corpos de Exército brasileiros, principalmente na logística. As tropas estavam detidas frente ao grande quadrilátero defensivo montado por Solano López.

A opinião pública no Rio de Janeiro e em Buenos Aires passaram a duvidar que a guerra poderia ser vencida pelos aliados, havendo grande pressão para que se fizesse a paz com López.

Pode-se inferir que o cenário favorecia as tropas paraguaias e que era questão de tempo para que o desgaste entre os chefes militares, somados aos problemas existentes nas tropas aliadas e a opinião pública cada vez mais contrárias ao conflito, forçassem as autoridades aliadas a negociar a paz em termos benéficos ao líder paraguaio.

Frente a esse cenário, impõem-se a liderança do Duque de Caxias. O senso moral de Caxias, fez o mesmo sustentar toda pressão, que sofria por parte da população da capital federal, pela imprensa e pelos políticos da oposição, que teciam fortes críticas a falta de ofensividade da tropa brasileira, pois Caxias sabia que a tropa necessitava de tempo para se preparar. Com sua proficiência profissional, reorganizou as tropas, melhorando as condições sanitárias, restaurando a disciplina e aperfeiçoando a logística. Assim, fruto das competências de Caxias, tais como Organização e Direção, a capacidade operacional da tropa foi restaurada, permitindo a retomada das ações ofensivas, o que transformou o cenário de uma possível derrota, com a negociação da paz nas condições de López, para um cenário prospectivo favorável aos aliados.

Com a capacidade operacional das tropas restaurada, os chefes militares poderiam se concentrar na definição da manobra a ser adotada para capitular o sistema defensivo de Solano López. O quadrilátero defensivo consistia dos Forte de Curupaiti e Humaitá, e uma extensa linha de trincheiras apoiadas no Estero Rojas, com os flancos cobertos pelos rios Paraná e Paraguai. O ataque frontal já havia sido testado contra Curupaiti, resultando em grande derrota para as tropas aliadas. O presidente argentino insistia que a Esquadra Imperial forçasse a passagem pelas baterias de Humaitá.

Nesse contexto, Caxias demonstrando a **proficiência profissional** característica de um líder militar, analisou o risco da passagem da Esquadra, sem acompanhamento da tropa terrestre, o que a deixaria isolada. Fruto de seu **senso moral**, não corroborou o plano de Mitre. Assim, o Marquês elaborou um plano para

executar uma manobra de envolvimento terrestre. Em 13 de janeiro, Caxias assume definitivamente como comandante em chefe de todas as tropas aliadas. As atitudes adequadas, resultaram na ordem para ultrapassagem da Esquadra por Humaitá, no momento oportuno, completando o isolamento e subjugando a fortaleza de Humaitá e seu quadrilátero defensivo em 25 de julho de 1868.

Pode-se concluir, que as competências da **criatividade, flexibilidade e decisão**, do líder Caxias, decidiram a situação em favor das tropas aliadas, que agora possuíam condições de realizar uma grande ofensiva na direção de Assunção, após quase dois anos e meios de guerras de trincheiras.

Verificando que seria derrotado em Humaitá, Solano López consegue retirar grande parte de suas tropas. Procura então montar nova linha defensiva na região do rio TEBICUARY. Contudo, a rápida reorganização e a manutenção do ímpeto ofensivo das tropas aliadas, mantidos às custas da longa marcha de aproximadamente 200 quilômetros, forçaram López a rebater seu dispositivo até o arroio PIQUSSIRI, que possuía um valor defensivo menor que o proporcionado pelo TEBICUARY. Cabe destacar, que a referida marcha só foi possível devido a grande **resistência física**, característica do líder militar e a **atitude adequada(fazer)**, já que Caxias se fazia presente hora a frente da coluna, hora a retaguarda, sempre buscando acompanhar a passagem por obstáculos e pontos sensíveis, abrindo mão de uma viagem confortável, junto a tralha logística que acompanhava a tropa.

Ainda que o arroio PIQUISSIRI se apresentasse como um obstáculo de menor vulto que o TEBICUARY, Caxias chegou a conclusão que um ataque frontal aos cerca de 9 quilômetros de trincheiras, ceifaria a vida de muitos militares. A Esquadra Imperial encontrava-se barrada pelas baterias da fortaleza de Angostura, que se apoiava no rio Paraguai. Uma manobra pelo flanco leste, esbarraria nas águas da lagoa Ypoá. O que fazer, frente a essa nova posição defensiva com um efetivo na proporção de 2 atacantes para cada defensor? As tropas suportariam permanecer barradas durante, mais de dois anos, como ocorreu em Humaitá?

Certo de que um novo período de inércia nas operações poderia favorecer as forças de defesa e minar a moral da tropa aliada, além da elevação dos custos financeiros da Guerra, Caxias define sua manobra. Utilizando de sua **proficiência profissional, criatividade e flexibilidade**, elabora uma manobra arrojada, determinando a construção de uma estrada através da região alagadiça do Chaco, onde utilizaria o princípio de guerra da surpresa. Havia o risco de as tropas serem

atacadas em sua retaguarda, mas o **senso moral** do líder brasileiro, o fez assumir esse risco, por julgar ser a manobra que mais pouparia vidas aliadas.

Durante a construção da estrada, Caxias fez 4 excursões para supervisionar as obras e decidir pelo local de desembarque da tropa na margem oposta, demonstrando a tropa seu **senso moral (ser)**, que o levava a tratar pessoalmente das ações mais importantes, independente do desgaste físico proporcionado. A estrada, de mais de 10 quilômetros, foi finalizada em apenas 23 dias. As tropas marcharam pela estrada do Chaco, sendo transpostas para a margem oposta do rio Paraguai, na região de Santo Antônio, pela Esquadra Imperial, no dia 5 de dezembro de 1868.

Fica evidente que o fato do Marquês possuir os pilares básicos e as diversas competências do líder militar, foram decisivos para a execução da manobra que concentrou o poder de combate dos 3 Corpos de Exércitos aliados, a retaguarda do dispositivo defensivo de Solano López, mitigando assim, a superioridade numérica proporcional paraguaia, permitindo a adoção das operações ofensivas.

Estabelecida uma cabeça de ponte em Santo Antônio, os aliados iniciaram o deslocamento para Sul, em uma série de manobras ofensivas que seriam decisivas para a vitória aliada, conhecidas como Dezembrada. O efetivo aliado era de aproximadamente 19 mil militares e as tropas paraguaias contavam com cerca de 14 mil militares na região e 6 mil militares em Assunção.

A primeira grande batalha da Dezembrada foi a Batalha de Itororó, ocorrida no dia 6 de dezembro de 1868. O objetivo desta batalha era tomar a ponte sobre o arroio Itororó permitindo, assim, o avanço aliado para o Sul.

O ataque foi iniciado por parte do 1º Corpo de Exército, sendo rechaçado por 2 vezes. Ao ser informado que haveria um caminho, de cerca de 10 quilômetros, que permitiria o desbordamento da posição, o Marques dá ordens para que o Gen Osório realize tal manobra, com o 3º Corpo de Exército. Visando criar condições para a tropa de Osório, é determinado que o 2º Corpo realize um ataque de fixação. Durante o ataque de fixação, o 2º Corpo de Exército acabou se engajando decisivamente no combate.

Após quase 5 horas de combate, Osório e seu Corpo de Exército não haviam concluído o desbordamento. O 2º Corpo estava extremamente desgastado e os militares começavam a dar claros sinais de indisciplina, se negando a tentar a travessia da ponte. Sabedor que uma derrota poderia abalar de forma cabal o moral da tropa, o Pacificador, decide conduzir pessoalmente um novo ataque. Em um ato

onde demonstrou diversos atributos do líder militar, com destaque para a **coragem**, a **autoconfiança** e a **persuasão**, Caxias se lançou a frente das tropas exclamando a célebre frase: “Sigam-me os que forem brasileiros!”. O ânimo da tropa foi refeito em consequência de tal ato e o ataque pleno de êxito, expulsou o inimigo que guardava a ponte. O caminho para o prosseguimento das operações estava desimpedido.

Derrotado em Itororó, o Gen Caballero recebe ordens de Lopéz para montar nova posição defensiva, desta vez no corte do arroio Avaí, sendo reforçado para cumprir tal missão.

Visando manter o ritmo das operações e diminuir a liberdade de ação do inimigo, Caxias reiniciou o deslocamento das tropas no dia 7 de dezembro, agindo em consonância com o princípio da ofensiva. Fruto dessa iniciativa, a ração da tropa, na noite do dia 6, foi constituída apenas de espigas de milho colhidas na região, das quais Caxias também se alimentou, para dar o exemplo a tropa, demonstrando novamente o pilar básico do **senso moral**, que lhe impedia de desfrutar do conforto da posição de comandante em chefe, enquanto a tropa era sacrificada.

Ao chegar, nas proximidades do arroio Avaí, o Marquês foi informado que o rio estava sendo defendido por cerca de 6 mil paraguaios, dispostos no alto da colina, com cerca de 18 peças de artilharia. A manobra concebida foi romper o dispositivo do inimigo, ao mesmo tempo que agiria pelos seus dois flancos, cortando suas rotas de fuga, o que possibilitaria destruir o inimigo na posição. Contudo, após o início do ataque, um forte temporal fez subir rapidamente o nível das águas do Avaí e transformou parte do terreno em um lamaçal, prejudicando a manobra.

Caxias mandou que a reserva, formada pela 4ª Divisão de Infantaria, atravessasse o arroio para reforçar o contra-ataque iniciado por Osório. Contudo, a elevação do nível da água e da correnteza, gerou grande receio da tropa, que se negava a ultrapassar o obstáculo. Foi então que novamente Caxias é obrigado, por seu **senso moral**, a comandar pessoalmente as tropas, demonstrando atributos como **coragem**, **confiança** e **persuasão**, ao conduzir as tropas na travessia das águas que já se encontravam na altura do peito. Após essa atitude de Caxias, Caballero determina a retirada, conseguindo fugir com cerca de 200 soldados, sendo o restante cercado pela Cavalaria que havia executado um desbordamento. Estava assim destruído o inimigo em Avaí, em 11 de dezembro de 1868.

Vencido o inimigo em Avaí, foi determinado um período de reorganização e descanso para a tropa. Diversos reconhecimentos foram realizados entre os dias 12

e 20 de dezembro, ajudando a esclarecer a situação do inimigo que se fazia em uma posição defensiva na região das Lomas Valentinas. Essa região possuía 2 conjuntos topotáticos, com uma colina longitudinal, chamada de Corumbaiti e outra transversal, denominada Itá-Ibaté, sendo essa última, o conjunto dominante. A região estava sendo defendida por cerca de 3 mil homens, com grande quantidade de canhões.

Caxias definiu como objetivo principal a colina de Itá-Ibaté, por entender que a conquista desse ponto, facilitaria a queda das trincheiras restantes. O primeiro ataque ocorreu em 21 de dezembro e se desenvolveu em uma manobra que contava com um duplo ataque pelos flancos e um envolvimento realizado pela cavalaria, de Andrade Neves, para cortar as comunicações entre López e Piquissiri. O ataque ao flanco esquerdo obteve sucesso, mas precisou ser reforçado pela cavalaria para conquistar as trincheiras e cerca de 14 canhões. O ataque ao flanco direito obteve um sucesso inicial, contudo foram sobrepujados por um forte contra-ataque, sendo obrigados a recuar para a posição de ataque. Com o cair da noite, Caxias decide interromper a batalha, dando prioridade ao tratamento dos feridos.

Caxias descobre que havia 2 brechas no dispositivo inimigo e demonstra grande **flexibilidade** ao modificar sua manobra. No dia 27 de dezembro, após intensa preparação de artilharia com 46 canhões, é iniciado novo ataque, dessa vez com uma manobra onde o inimigo foi cercado e atacado por todas as direções, sendo destruído na posição. Apesar do cerco, Solano López consegue escapar por um caminho desenhado no potreiro de Marmól.

Em 1º de janeiro de 1869, cerca de 1700 militares aliados entram na cidade de Assunção, para onde Caxias se dirige no dia 5 com o restante da tropa. Considerando encerrada a Guerra, o Marquês solicitou sua substituição, ou que lhe fosse concedida uma licença de 3 meses para cuidar de sua saúde, vindo a deixar o conflito em meados de janeiro. O conflito a partir de então se traduz em uma perseguição a Solano López, que mantinha uma resistência suicida. A Guerra do Paraguai teve fim com a morte de Solano López na batalha de Cerro Corá, em 1º de março de 1870.

Por fim, conclui-se que a reorganização das tropas brasileiras, que permitiu a retomada da ofensiva; a conquista da Fortaleza de Humaitá, que por anos bloqueiou o avanço aliado; a célebre manobra de Piquissiri, que desequilibrou o poder de combate a favor dos aliados; e a série de vitórias da Dezembrada, que praticamente selou o destino do conflito, só foram possíveis devido a grande liderança militar

exercida pelo grande brasileiro Luís Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias, sem dúvidas o maior exemplo de líder militar da história do Brasil.

REFERÊNCIAS

1. BIOGRAFIA Resumida do Duque de Caxias. Disponível em: http://www.eb.mil.br/patronos/-/asset_publisher/DJfoSfZcKPXu/content/biografia-resumida-do-duque-de-caxias?inheritRedirect=false. Acesso em: 12 jan.2020.
 2. BUSCA. <https://busca.saraiva.com.br/busca?q=lideran%C3%A7a&page=1>. Acesso em: 20 mar. 2020.
 3. DEC. Disponível em: <http://www.dec.eb.mil.br/historico/brasillmperio/estradaChaco.html> Acesso em: 27 de julho de 2020.
 4. Forte.jor.br. Disponível em: <http://www.forte.jor.br/2010/03/07/brasil-devolvera-ao-paraguai-enorme-trofeu-de-guerra> Acesso em: 31 de julho de 2020
 - ALTAVE. Disponível em: <https://www.altave.com.br> Acesso em: 04 de maio de 2020.
 5. Gestão educacional. Disponível em: <https://www.gestaoeducacional.com.br/duque-de-caxias-quem-foi-biografia-e-feitos/> Acesso em: 20 mar.2020
 6. WIKIPEDIA. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Fortaleza_de_Humait%C3%A1 Acesso em: 20 mar.2020.
 7. Fortalezas. Disponível em: http://fortalezas.org/?ct=galeria_busca_lista Acesso em 20 mar.2020.
 8. GUERRA da Tríplice Aliança contra o Paraguai: (1865-70). 2010. Disponível em: <http://www.ahimtb.org.br/confliext13.htm>. Acesso em: 12 jan.2020.
- BARROS, A liderança de Caxias na Guerra da Tríplice Aliança, **Revista do Exército Brasileiro**, n.1, jan. 2019.
- BRASIL. Ministério da Defesa. **C 20-10: Liderança Militar**. 2º Ed. Brasília, 2011.
- CERQUEIRA, Dionísio. **Reminiscências da Campanha do Paraguai: 1865-1870**. Ed. Especial. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1980. 341p.
- COELHO, Como escrever a história? A “Dezembrada” e a Guerra do Paraguai, **Revista do Exército Brasileiro**, v.155, n.1, jan. 2020.

- COSTA, Virgílio Pereira da Silva. **Duque de Caxias**. São Paulo: Três, 1974.
- DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. **Maldita Guerra**: nova história da Guerra do Paraguai. 2ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. 617p.
- _____. Caxias na Guerra do Paraguai, **Revista Da Cultura**, n.5, dez. 2003.
- DUARTE, Paulo de Queiroz. **Os voluntários da pátria na Guerra do Paraguai**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, v. 3, tomo I, p. 205.
- FAGUNDES, Gabriel. *“Dezembrada”*: Sesquicentenário da série de combates que deslocou o centro de gravidade da guerra da tríplice aliança, sua importância para o desfecho do conflito e influências para a doutrina do Exército Brasileiro. 2019. 120 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Militares) – Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, Rio de Janeiro.
- FILHO, Amerino Raposo. **Caxias e a nossa doutrina militar**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1959. 66p.
- FIX, Teodoro. **Historia da Guerra do Paraguay**. Rio de Janeiro: Typ. Franco-Americana, 1872. 254p.
- FRAGOSO, Augusto Tasso. **História da guerra entre a tríplice aliança e o Paraguai**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército – Editora, 2009, v.1.
- _____. _____ 2ªed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército – Editora, 1959. 578p. v.3.
- _____. _____ 2ªed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército – Editora, 1959. 578p. v.4.
- GONÇALVES, Leandro José. **Tática do Exército Brasileiro na Guerra do Paraguai entre 1866 e 1868**. 2009. 96 f. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2009.
- KOSHIBA, Luiz; PEREIRA, Denise. **História do Brasil no Contexto da história ocidental**, 8. Ed. São Paulo: Atual, 2003. 602p.
- LIMA, Luiz Octavio de. **A guerra do Paraguai**. São Paulo: Planeta, 2016.
- MORGADO, A manobra de Piquiciri – Parte I, **Revista Da Cultura**, n.17, ago. 2010.
- _____. A manobra de Piquiciri – Parte II, **Revista Da Cultura**, n. 18, mai. 2011.

PAULA, Edgley Pereira de. O comando do marquês de Caxias na Guerra da Tríplice Aliança: da “guerra gaúcha” à “guerra estratégica”, mudança de paradigma, **A Defesa Nacional**, n. 833, jun 2017.

ROSTY, A Guerra da Tríplice Aliança, **Revista Verde-Oliva**, n.236, abr./jun. 2017.

SCHNEIDER, L. **A Guerra da Tríplice Aliança**: Imperio do Brazil, Republica Argentina e Republica Oriental do Uruguay contra o Governo da Republica do Paraguay (1864-1870) com cartas e planos. Rio de Janeiro: Typographia Americana, 1876. v.2.

SILVEIRA, A travessia do Chaco, **Revista do Exército Brasileiro**, n.1, jan. 2019.

THOMPSON, George. **La Guerra del Paraguay**. Assunção: RP Ediciones, 1992